



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL



LÍDIA LAÍS BALBINO GOMES

MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA:
desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida
acadêmica.

JOÃO PESSOA – PB
2020

LÍDIA LAÍS BALBINO GOMES

**MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA:
desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida
acadêmica.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Iara Falleiros Braga.

JOÃO PESSOA – PB
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L714m Lídia Laís Balbino Gomes.

MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica. / Lídia Laís Balbino Gomes. - João Pessoa, 2020.
68 f.: il.

Orientação: Iara Falleiros Braga.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Maternidade. 2. Estudantes. 3. Universidades. 4. Terapia Ocupacional. I. Braga, Iara Falleiros. II. Título.

UFPB/BC

LÍDIA LAÍS BALBINO GOMES

MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA:
desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica.

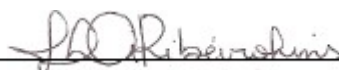
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Aprovado em: 24/03/2020.

COMISSÃO EXAMINADORA



Iara Falleiros Braga
Universidade Federal da Paraíba



Isabela Lemos Arteiro
Universidade Federal da Paraíba



Bárbara Iansã de Lima Barroso
Universidade Federal da Paraíba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho *in memoriam* as mulheres da minha vida, minha mãe Maria José (Daguia) e minha avó Ana Gonçalves (Dona Naninha), levo vocês comigo para sempre, por terem sido meus maiores exemplos.

Ao meu filho Nicolás, pois foi devido aos desafios que vivenciamos que me dediquei à temática que aborda esse trabalho, a você todo meu amor.

A todas as mães estudantes.

Nós sabemos da sua luta. Sigamos juntas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus pelo seu cuidado, pelo auxílio e proteção na caminhada, por ter chegado até aqui. Por me dar a oportunidade de acertar, mesmo errando de novo, e outra vez. Por está criteriosamente no controle de tudo.

Aos meus pais, Daguia e Josinaldo, pela vida, pelos ensinamentos e pelos exemplos que levo para minha vida. Obrigada pelo amor que vocês me dedicaram em vida.

Agradeço imensamente à minha família afetiva, aqueles que me deram as mãos nessa caminhada, em especial, a minha avó Dona Naninha, que esteve sempre comigo nas horas difíceis, me colocando em suas orações e, acima de tudo, me incentivando a dar continuidade a minha formação em Terapia Ocupacional. Foi essencial poder contar com todos.

Agradeço ao meu filho Nicolás, por sua existência, por ser minha inspiração, razão e emoção. Por me escolher e me fazer renascer mãe. Por me ensinar tantas coisas e mostrar que ainda tenho muito a aprender. Por me fazer valorizar a vida, os pequenos gestos e momentos. Por me dar força e ser minha maior motivação. Te amo meu filho!

Ao Gustavo, meu namorado, companheiro e amigo, pela compreensão, amor e carinho. Por me apoiar em minhas decisões, estar presente nos tropeços, desafios e vitórias. Por me proporcionar experiências únicas e maravilhosas, pelo suporte em todos os aspectos da minha vida, principalmente na maternidade. Sobretudo, pela tolerância na conclusão desta etapa. A você toda minha gratidão e amor.

Ao curso de Terapia Ocupacional por ter me proporcionado diversos aprendizados ao longo da graduação. Aos espaços de trocas e aprendizagem que me foram ofertados. Aos que trabalham incansavelmente, dia a dia, para contruir o curso Terapia Ocupacional na UFPB, que forma profissionais mais humanos, empáticos e sensíveis às especificidades humana.

Ao corpo docente da Terapia Ocupaciona da UFPB, ao departamento e sua coordenação. Aqui expresso toda minha gratidão e admiração, em especial as minhas queridas professoras, pelo acolhimento, compreensão e empatia. Por compartilharem seus conhecimentos, pelas trocas de experiências, por despertar meu interesse para diversos assuntos, por mostrar infinitos caminhos para os quais não imaginava ter aptidão. Por acreditarem, por me encorajarem a continuar. Cada uma de vocês tem uma parcela de contribuição na profissional que me torno hoje.

Com um carinho especial, agradeço à minha Orientadora Prof^{ra} Dr^a. Iara Falleiros Braga por ter aceitado ser minha orientadora diante de todas as adversidades. Pelo

acolhimento, dedicação, paciência e incentivo ao longo de todo o processo de criação deste trabalho. Por ter sonhado junto comigo, ter acreditado na minha capacidade, me dado às mãos e me ajudado a enxergar que seria possível concretizar esse projeto. Sem a sua coragem e empenho nada disso seria possível. Gratidão! Expresso também minha profunda gratidão à banca examinadora: Prof^a Dr^a. Bárbara Iansã de Lima Barroso e Prof^a Dr^a. Isabela Lemos Arteiro, que aceitaram meu convite para participar deste momento tão importante da minha vida acadêmica, pelas quais cultivo grande admiração.

Ao Grupo MARIAS pelo incentivo e torcida em chegar até aqui, pela ajuda para superar todos os obstáculos do percurso, por me proporcionarem espaço de fortalecimento e resistência, e pelas experiências vivenciadas. Muito obrigada, vocês têm parte na mulher que sou hoje.

Agradeço as Terapeutas Ocupacionais, que fizeram parte da minha formação nos campos de estágios, Daniele Souza, Kamila Costa e Sarah Peregrino, por terem me acolhido, pela confiança, encorajamento e generosidade. Vocês foram fundamentais neste processo.

A todas as mães estudante que tive a honra de conhecer, que participaram dessa pesquisa compartilhando as suas vivências na maternidade real. A todas as mães, meu respeito e admiração. Reconheço as suas dores, estamos juntas na luta.

Aos meus colegas de turma por terem acolhido a mim e a meu filho, terem vivenciado comigo os desafios e dificuldades em todas as fases da maternidade, desde a gestação. Pelo apoio e incentivo, pela amizade, por serem quem são. Vocês são inscríveis, sem dúvidas a melhor leva de terapeutas ocupacionais que essa universidade já formou. Sigamos!

Em especial, agradeço ao meu grupo “a gentes quatro”, minhas amigas: Alexsandra de Souza, Caroline Mendes e Geyce Hellen, que em momento algum me permitiram desistir ou perder a autoconfiança. Pelo caminho que trilhamos juntas, por serem mais do que eu sempre precisei, por me apoiarem incondicionalmente. A amizade e cumplicidade de vocês ao longo do curso foram essenciais para o meu desenvolvimento como pessoa e como Terapeuta Ocupacional. Agradeço por todos os sorrisos, lágrimas e experiências compartilhadas, tenham a certeza que jamais me esquecerei do amor e cumplicidade de vocês. Obrigada!

Por fim, agradeço à todos os meus/minhas amigos(as) em geral, que fazem parte de mim, e por isso merecem meus agradecimentos e afeto, especialmente: Andressa Rodrigues; Emmily Firmino; Janira Neta; Larissa Kelly; e Luana Freire. A certeza da amizade de vocês faz a minha vida mais doce. Muito obrigada!

Gratidão a todos. Não teria chegado até aqui se não fosse por vocês!

EPIGRAFE

“Lutamos para o momento em que toda garotinha que nascer
tenha uma oportunidade igual a dos seus irmãos. Nunca
subestimem o poder que nós mulheres temos de definir nossos
próprios destinos.”

As Sufragistas.

RESUMO

A temática da vivência da maternidade e vida acadêmica tem ganhado destaque na produção acadêmica, evidenciando desvantagens para as mulheres quando estas vivenciam a maternidade durante a graduação, pois é ainda sobre o gênero feminino que recai, em nossa cultura, as responsabilidades dos cuidados parentais. Diante desse panorama, a presente pesquisa objetivou analisar os desafios e as possibilidades de conciliar a maternidade com a vida acadêmica das mães estudantes do curso de Terapia Ocupacional do Campus I da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, bem como, conhecer suas trajetórias na intersecção das vivências da maternidade e demandas acadêmicas e identificar os fatores que influenciam na permanência universitária. A pesquisa tem caráter qualitativo com característica descritiva exploratória. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas entrevistas com cinco jovens universitárias, estudantes do curso de Terapia Ocupacional da UFPB, com idade entre 19 e 29 anos, que vivenciam a maternidade e que têm filhos na faixa etária de 3 meses à 6 anos de idade. Os dados foram analisados a partir da técnica da análise de conteúdo na modalidade temática, de Bardin. A partir da análise dos dados foram identificadas três categorias temáticas: 1. “Hoje eu sou uma mãe universitária” - Trajetórias das mães estudantes na intersecção das vivências da maternidade e demandas acadêmicas; 2. “Sinto que não estou sendo nem boa mãe, nem boa estudante” - Dificuldades de conciliar a vida acadêmica com a maternidade e 3. “Se não fosse a minha rede de apoio eu não estaria conseguindo” - Possibilidades e permanência universitária. Os resultados obtidos trazem uma nova perspectiva sobre a vivência da maternidade no contexto acadêmico, demonstram que a busca por estratégias para permanência universitária fazem-se necessárias, pois a universidade ainda se posiciona de forma apática frente às adversidades enfrentadas por esse público. Conclui-se que há necessidade de discutir acerca dessa realidade de ser mãe e estudante no contexto acadêmico, excitar os debates e a reflexão sobre a temática, bem como a preocupação com as tentativas de facilitar esta experiência a partir de ações e políticas públicas e institucionais.

Palavras-Chave: Maternidade. Estudantes. Universidades. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

The theme of experiencing motherhood and academic life has gained prominence in academic production, showing disadvantages for women when they experience motherhood during graduation, as it is still on the female gender that, in our culture, the responsibilities of parental care fall. Given this panorama, the present research aimed to analyze the challenges and the possibilities of reconciling motherhood with the academic life of the mothers students of the Occupational Therapy course at Campus I of the Federal University of Paraíba - UFPB, as well as knowing their trajectories at the intersection of maternity experiences and academic demands and to identify the factors that influence university permanence. The research has a qualitative character with an exploratory descriptive characteristic. Data collection took place through semi-structured interviews. Interviews were carried out with five young university students, students of the Occupational Therapy course at UFPB, aged between 19 and 29 years old, who experience motherhood and who have children aged 3 months to 6 years old. The data were analyzed using Bardin's thematic content analysis technique. From the data analysis, three thematic categories were identified: 1. "Today I am a university mother" - Trajectories of student mothers at the intersection of maternity experiences and academic demands; 2. "I feel that I am neither a good mother nor a good student" - Difficulties in reconciling academic life with motherhood and 3. "If it weren't for my support network, I wouldn't be able to" - Possibilities and university permanence. The results obtained bring a new perspective on the experience of maternity in the academic context, demonstrating that the search for strategies for university permanence is necessary, since the university is still apathetically positioned against the adversities faced by this public. We conclude that there is a need to discuss about this reality of being a mother and student in the academic context, to excite debates and reflection on the theme, as well as the concern with attempts to facilitate this experience based on public and institutional actions and policies. .

Keywords: Maternity. Students. Universities. Occupational Therapy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas da pesquisa.....	30
--	----

LISTA DE SIGLAS

ANDIFES	-	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
CCS	-	Centro de Ciências da Saúde
CE	-	Centro de Educação
CCM	-	Centro de Ciências Médicas
CIA	-	Comitê de Inclusão e Acessibilidade
CONSEPE	-	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CONEP	-	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EEBAS-UFPB	-	Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba
FLACSO	-	Faculdade Latino-Americana de Ciências
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OEI	-	Estados Ibero-Americanos
PB	-	Paraíba
TCLE	-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA.	-	Transtorno do Espectro Autista
TO	-	Terapia Ocupacional
UFPB	-	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	15
1.1. O QUE SIGNIFICA SER MULHER E MÃE EM NOSSA SOCIEDADE?	15
1.2. ENSINO SUPERIOR E MATERNIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS?.....	19
2 OBJETIVOS	24
2.1 OBJETIVOS GERAIS	24
2.1.1 Objetivos Específicos	24
3 METODOLOGIA	25
3.1 TIPO DE PESQUISA	25
3.2 CAMPO DE ESTUDO	25
3.3 SUJEITOS DO ESTUDO	26
3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	27
3.5 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS	28
3.6 ASPECTOS ÉTICOS	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1. QUEM SÃO ESSAS MULHERES?.....	30
4.2. CATEGORIAS TEMÁTICAS.....	32
4.2.1. “HOJE EU SOU UMA MÃE UNIVERSITÁRIA” – Trajetórias das Mães Estudantes na intersecção das vivências da maternidade e demandas acadêmicas.	33
4.2.2. “SINTO QUE NÃO ESTOU SENDO NEM BOA MÃE, NEM BOA ESTUDANTE” – Dificuldades de conciliar a vida acadêmica com a maternidade	40
4.2.3. “SE NÃO FOSSE A MINHA REDE DE APOIO EU NÃO ESTARIA CONSEGUINDO” – Possibilidades de permanência universitária	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	62
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA	66

APRESENTAÇÃO

A minha história não é diferente das de muitas mulheres. Nasci e cresci na zona rural de uma cidade do interior da Paraíba, venho de uma família pobre, da qual sou a mais nova de dois filhos. Meu pai faleceu quando eu ainda tinha 5 anos. Minha mãe, técnica de enfermagem, na época desempregada, dedicou sua vida aos filhos, nos sustentava como podia. Foram tempos difíceis, até que dois anos depois ela conseguiu passar no concurso público em Remígio, PB, onde morávamos. Não tínhamos muitas condições, porém minha mãe sempre se esforçou para nos manter e nos dar o melhor.

Desde muito cedo, fui incentivada a estudar. Minha mãe depositava todas suas fichas na educação, não houve um único dia que não me dissesse “filha, estude para você ser alguém na vida, trabalhar, nunca depender de ninguém, ter uma vida digna e dar um futuro para os seus filhos”. Esse sempre foi meu grande exemplo. Éramos nós três para tudo, até que minha mãe se foi. Aos 13 anos a perdi. Naquele momento, eu só tinha uma certeza na vida: precisava seguir tudo o que ela me ensinou. Minha mãe sonhava com o dia em que entraria de braços dados comigo para receber meu “canudo”, como ela chamava o diploma, tomei esse sonho para mim, e prometi que iria concretizá-lo.

Fui muitas vezes desencorajada, mas nunca deixei de correr atrás dos meus sonhos, cansei de ouvir dos meus familiares que “a universidade não é coisa para pobre” que eu jamais entraria e que “diploma é coisa de rico”. Minha mãe me ensinou a importância da educação, agora eu a tinha como objetivo de vida. Queria estudar na Universidade Federal, nem cogitava outras possibilidades, pois sabia que não teria dinheiro para pagar uma universidade particular, além de ter em mente, já naquela época, e de forma muito clara, que a educação era meu direito e deveria acessá-la gratuitamente.

No ano de 2013, concluí o ensino médio e logo em seguida ingressei na universidade, mas ainda não tinha me encontrado enquanto profissão. Tentei por muitas vezes me esquivar da área da saúde por me remeter muito a minha mãe e me trazer muitas lembranças. Mas não se pode fugir daquilo que se ama.

Em 2014 saí do interior a caminho da capital em busca de concretizar os meus sonhos. Fui acolhida por um casal de amigos de infância da minha mãe, que me ofereciam abrigo em troca de trabalhos domésticos. Nessa época, ainda não conhecia a Terapia Ocupacional. Um ano depois, através dessa família, conheci a Terapia Ocupacional, desde então me encantei e passei a pesquisar mais e decidi que queria essa profissão para minha vida.

Tranquei o curso de História, que estava cursando na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, e passei a me dedicar ainda mais aos estudos para passar no curso de Terapia Ocupacional. No ano de 2016, consegui ingressar na Universidade Federal da Paraíba – UFPB no curso que almejava. A essa altura, muitas coisas haviam mudado na minha vida, por pouco não fui obrigada a deixar tudo e retornar ao interior. Tive que me submeter a subempregos para poder me manter na capital, até iniciar as aulas e eu largar tudo para dar conta da rotina puxada de um curso integral, como é o de Terapia Ocupacional na UFPB. Isso só foi possível graças às políticas de assistência estudantil da universidade que tive acesso desde o ingresso, o que possibilitou minha permanência.

A partir de então, cada disciplina se tornou um longo processo gratificante e árduo de aprendizagem. Ainda no primeiro período, descobri que estava grávida, com exatas 12 semanas de gestação. Daí se dá minha aproximação com a temática deste trabalho, uma completa reviravolta em minha vida: de imediato, o medo de não conseguir continuar mais no curso e as incertezas quanto ao futuro na universidade. Início nesse momento a minha trajetória enquanto estudante que se torna mãe durante o curso de graduação.

A maternidade é um “curso intensivo” e eterno de autoconhecimento. Naquela época, eu ainda não tinha o entendimento e a maturidade para compreender que eu tinha o direito de estar na universidade como qualquer outra pessoa que conquistou uma vaga para estar lá. Seria importante ter esse acolhimento tanto dos professores quanto dos colegas. Adaptei o meu estudo à minha nova condição - a de gestante e futura mãe. Então, acabei abrindo mão de algumas coisas que eu queria estudar naquele momento porque eu não conseguia dar mais conta de todas as demandas.

É um peso fazer essas opções. Falta acolhimento institucional, receptividade estrutural e há muitos estigmas acerca da maternidade. Gostaria de ter tido mais apoio para estar na Universidade e por isso, me questioneei: esse espaço é mesmo nosso? A universidade nos trata como se não tivéssemos filhos, além de todas essas questões, as mães ainda têm que lidar com as estruturas acadêmicas que se sedimentam sobre um machismo histórico e práticas discriminatórias contra as mulheres.

Ao mesmo tempo, pra mim, o fato de ser mãe, me faz não querer sair daqui sem ter um diploma. Tenho um motivo para buscar um futuro bom e sólido. Queria também enfatizar que o apoio dos amigos e das pessoas que se aproximaram, sem esquecer dos professores (no meu caso, professoras, que sempre se solidarizaram e acolheram a mim e ao meu filho), tem

sido essencial para minha permanência na Universidade.

Entretanto, vivemos um momento de invisibilização do fenômeno de ser mãe e universitária. Quando há pesquisas, que abordam o tema da evasão universitária, não se faz o recorte de gênero, revelando que a sociedade excluiu o debate público sobre a tarefa de cuidar das nossas crianças.

A Universidade vem se constituindo, enquanto instituição social, despreparada e apática para as questões e situações de desigualdades sociais, estabelecendo-se também como fonte geradora de exclusão social, deixando de exercer sua mais forte potencialidade – a de ser espaço de transformação social, capaz de permitir, a todos que por ela passe, trilhar caminhos para a conquista da autonomia.

O que se espera de uma mãe-universitária? Que ela sobreponha a maternidade à vida acadêmica, ou o contrário? Excluir uma criança do meio acadêmico é excluir a mãe! Assim, os cursos de turno integral tornam essa tarefa muito difícil. Essa situação torna-se um desafio maior quando a mãe não tem com quem deixar seu filho. Precisamos sempre nos limitar. Nós não poderemos ir para todos os congressos, todos os eventos e muito menos abraçar mais trabalho do que deveríamos. Muitas vezes, teremos que renunciar a algumas oportunidades para conciliar a maternidade. Existem também bastantes eventos que fogem do controle: a criança pode adoecer, estamos sujeitos a inúmeras situações. Há necessidade de discutir acerca dessa realidade de ser mãe no contexto acadêmico.

Dessa forma, a escolha da temática se deu pelas adversidades que vivenciei ao longo do curso: a de conciliar a maternidade à vida acadêmica, a invisibilidade das estudantes enquanto mães, o não reconhecimento das mulheres como grupo social em desvantagem de permanência ou desempenho, quando na condição de mães, a inexistência de políticas de assistência estudantis efetivas voltadas a esse público, e pela observação de que o mesmo ocorria com a grande maioria das mães estudantes, considerando que a vida universitária exige que os acadêmicos tenham um alto grau de dedicação, sobretudo em um curso de período integral como é o da Terapia Ocupacional da UFPB, demandando exclusividade de tempo, dada à complexidade e aprofundamento dos trabalhos, necessários ao cumprimento das ementas. Assim indago: como as estudantes do curso de Terapia Ocupacional da UFPB lidam com o desafio de conciliar universidade e maternidade?

1 INTRODUÇÃO

1.1. O QUE SIGNIFICA SER MULHER E MÃE EM NOSSA SOCIEDADE?

Ser mulher é uma construção social que se estabelece nas relações com o outro, nas experiências e vivências ao longo dos processos de vida e varia em cada sociedade (comunidade, grupos sociais, etc.), a posição ocupada por cada indivíduo dependerá dos valores e normas agregadas às definições e entendimentos das categorias feminino/masculino (BEAUVOIR, 1980; SCOTT, 1995, 1998; MATOS, 2008).

Vivemos em uma sociedade hierarquizada, onde a desigualdade é a norma, seja do ponto de vista de classe, gênero, étnico racial, e também geracional, de modo geral, ainda predomina a visão de família nuclear patriarcal em que o homem é considerado como o chefe da família e a esposa, por sua vez, deve se comportar segundo o papel prescrito pelo modelo patriarcal heteronormativo¹ (AGUIAR, 2000).

Com o desenvolvimento do capitalismo² desenham-se significados específicos à maternidade. Gradwohl, Osis e Makuch (2014) afirmam que as mudanças trazidas pela industrialização dividem a esfera pública da esfera privada da família, atribuindo aos pais a responsabilidade de cuidar de seus filhos. No âmbito da vida privada, a família nuclear tem a tarefa de prover os meios para a garantia do sustento material dos seus membros e, essencialmente, transmitir valores que mantenham a cultura dominante, atribuindo aos pais a responsabilidade de cuidar de seus filhos, onde caberia à mãe a função exclusiva do cuidado e ao pai à tarefa de prover o sustento, estabelecendo diferenciação dos papéis entre homens e mulheres (ÁVILA, 2018).

A subordinação das mulheres nas sociedades é anterior a todas as formas de opressão. O patriarcado se refere a uma forma, entre outras, de modos de organização social ou de dominação social. Trata-se para Weber (1964) de uma organização social onde a autoridade esteja centrada no patriarca de uma comunidade doméstica.

¹ A heteronormatividade é o conjunto de prescrições sociais que vão fundamentar os processos de regulação e controle da manifestação da sexualidade, de modo que todas as pessoas, heterossexuais ou não, pautem suas vidas conforme o modelo da heterossexualidade, mantendo a linearidade de seu sexo e gênero (MISKOLCI, 2009).

² Capitalismo é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e sua operação com fins lucrativos. As características centrais deste sistema incluem, além da propriedade privada, a acumulação de capital, o trabalho assalariado, a troca voluntária, um sistema de preços e mercados competitivos (ROSSER; ROSSER, 2003).

Chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas (WEBER, 1964, p.184).

A autoridade familiar e doméstica é que funda o patriarcado e implica uma determinada divisão sexual do trabalho³, onde impunha às mulheres as atividades domésticas e de reprodução (privadas) e, aos homens, as atividades extra domésticas e produtivas (públicas) (WEBER, 1964).

A divisão sexual do trabalho está ancorada na naturalização de relações de autoridade e subordinação, que são apresentadas como fundadas na biologia e/ou justificadas racialmente. Em conjunto, restrições que se definem pelo gênero, pela raça e pela classe social conformam as escolhas, impõem desigualmente as responsabilidades e incitam a determinadas ocupações enquanto bloqueiam ou dificultam o acesso a outras (BIROLI, 2016, p. 737).

Para Matos (2008) nas sociedades contemporâneas evidenciam-se as relações desiguais entre homens e mulheres. Aos homens pela sua condição social, lhes são permitidas um conjunto de atribuições que são socialmente definidas enquanto funções masculinas, já as mulheres devem estar totalmente submetidas à autoridade, ora do pai, ora do marido, ora do patrão, devido a ter como papel “natural” o de mãe, de “passiva” e de outros atributos relacionados e esperados de ser mulher. Ao analisarmos os papéis desempenhados pelos homens e mulheres em nossa sociedade, nota-se que geralmente ao homem é designado o papel de maior evidência e importância social do que às mulheres (TEIXEIRA, 2010).

O modelo de família patriarcal em questão vem reforçando as assimetrias e alimentando as desigualdades entre os gêneros (HIRATA; KERGOAT, 2007), uma vez que ele é legitimado e reforçado minuciosamente nas expressões culturais que se têm dentro das mais diversas esferas sociais, e desencadeia automaticamente impactos individuais e coletivos na vida de todos os indivíduos (RIBEIRO, 2017).

É frequente ver nas grandes mídias e nos espaços de convivências sociais, a ideia de que o papel das mulheres dentro de seus lares esteja diretamente vinculado à força emocional e educação de filhos (SANTANA; BENEVENTO, 2013). Essas responsabilidades das

³ O conceito de trabalho, no caso da divisão sexual do trabalho, é um conceito ampliado, que inclui o trabalho profissional e doméstico, formal e informal, remunerado e não remunerado (MONTALI, 2006).

mulheres pela educação das crianças estruturam mercados de trabalho que são desvantajosos para as mulheres, resultando em um poder desigual no mercado econômico, que, por sua vez, reforça e exacerba o poder desigual na família. Essas relações entre trabalho / família / sociedade, e trabalho / saber / poder, formam um círculo vicioso e não virtuoso de manutenção das desigualdades entre os gêneros (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Santana e Benevento na pesquisa “O Conceito de Gênero e suas Representações Sociais” (2013) apresentam como se dá o processo de desigualdade de gêneros no meio social:

(...) O destino de identidades e atividades como a separação dos âmbitos de ação para homens e mulheres, que estão valorizados de forma diferente, é a expressão social da desigualdade. Desta valorização desigual surge um acesso também desigual ao poder e aos recursos, o que hierarquiza as relações entre homens e mulheres. As diferenças nas remunerações no mercado de trabalho, por exemplo, são partes importantes da desigualdade entre os sexos. Mas existem muitas outras esferas de benefícios diferenciados: na divisão do trabalho dentro do lar, no grau de cuidados ou de educação recebidos, na liberdade de escolha, respeito ao tipo de vida que se deseja levar (SANTANA; BENEVENTO, 2013, p. 1).

Atribuir única e exclusivamente a mulher os cuidados com os filhos nada mais é, para Ribeiro (2017), que sobrecarrega-la.

(...) diariamente as mulheres mães são coagidas, orientadas e instruídas a adquirir certas práticas relacionadas à maternidade, sendo obrigadas a se desdobrar física e psicologicamente em nome do “cuidado materno”, frequentemente tendo suas vontades próprias e características subjetivas surrupiadas com o propósito de manutenção do sistema patriarcal (RIBEIRO, 2017, p. 27).

Quando o assunto é maternidade, em um polo, observa-se uma estrutura machista e patriarcal que determina como dever exclusivo da mãe o cuidado com as crianças; no outro, a retórica de que a vida maternal é privada e que não cabe expor histórias, rotinas e intimidades (ARCE, 2002). A naturalização de determinados comportamentos considerados “maternos”, constitui-se em alguns tipos de comportamentos humanos que são arduamente exigidos apenas das mulheres (MOURA; ARAÚJO, 2004). “A maternidade, na maioria das vezes, é uma experiência agradável, mas nos tempos atuais acaba por trazer dúvidas e receios, e muitos julgamentos por parte da sociedade” (DA ROSA, 2018, p. 164). Esteves e Menandro

(2005) pontua uma mudança significativa relacionada à maternidade:

Por muito tempo a maternidade foi considerada uma experiência puramente biológica, fixada literal e simbolicamente nos limites do domínio privado e emocional. Hoje, debatemos a função e o status da maternidade no espaço público, e sua complexidade aumenta à medida que o sentido de maternidade se diversifica, uma vez que à mãe tradicional vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica, o homossexual que materna, a mãe de aluguel, a mãe adolescente, a mãe solteira, a mãe prisioneira, a mãe pobre, a mãe negra, a mãe genética, etc. (ESTEVEZ; MENANDRO, 2005, p. 18).

O imaginário sociocultural em torno da maternidade é tão consistente que, não obstante as dificuldades que apareçam no processo de maternidade, estas serão quase sempre minimizadas ou invisibilizadas em função de pensarmos as mulheres como possuidoras de uma “essência feminina”, que as orienta, naturalmente, para as necessidades de seus filhos, constituída como uma experiência essencial para aquelas mulheres que são casadas e têm relacionamento heterossexual estável, entendidas enquanto jovens, e que têm boa situação socioeconômica (URPIA, 2009).

A identidade da mulher torna-se, a partir desse prisma, tênue ou trivial sem a maternidade, que quando se realiza, por sua vez, manifesta-se cercada por imagens ideológicas, sociais e culturais, modelos, teorias, narrativas cotidianas que têm um impacto na experiência de muitas mães e, igualmente, não-mães (SÉVON, 2005, p. 464).

No contexto destas idealizações, entretanto, a imagem cultural da maternidade torna-se, indubitavelmente, incompatível com a sexualidade da mulher, com o trabalho remunerado, a formação e a realização profissional (THOMPSON; WALKER, 1989), além de descrever uma mulher no singular, negando as múltiplas faces da maternidade (SCAVONE, 2004).

Assim, a maternidade ainda permanece sendo vista como uma experiência de exclusividade na vida da mulher, esquecem-se, constantemente, de incluir os homens, nesse discurso idealizador. Segundo Torres (2000), “dos homens espera-se sempre que sejam indivíduos sem família, às mulheres exige-se que a família sobreponha-se à profissão” (TORRES, 2000, p. 143). Alguns autores consideram que é esta tensão entre a constante e completa responsabilidade atribuída à figura feminina e todas as imagens e crenças acerca da maternidade que cria uma sobrecarga nas mulheres (THOMPSON; WALKER, 1989), isto

porque, na atualidade, com a conquista de novos espaços e posições sociais, elas aliam a esta posição (de mães), muitas outras (ARCE, 2002).

Sob a ótica de Cappelle et al. (2007) apesar dos papéis de ambos os gêneros virem sofrendo transformações nas esferas da família, do trabalho, do privado e do público, ainda são notados desequilíbrios entre os gêneros em vários aspectos. A reconfiguração familiar, no âmbito da divisão sexual do trabalho, segundo Montali (2006), deve ser menos desigual e mais equitativa, tanto no mercado de trabalho, quanto nas esferas do saber e do poder.

Assumimos a reflexão de que os significados atribuídos à maternidade estão vinculados às representações acerca das funções da mulher na organização de uma sociedade em específico. Compreendemos também que tanto os significados a respeito da maternidade quanto às representações sobre as funções das mulheres são produtos de uma determinada cultura, entendida aqui como o conjunto de valores, princípios, tradições, visões de mundo, hábitos que influenciam o modo de pensar e agir dos sujeitos e forjam sua identidade social (MINAYO, 1992).

Entendemos ainda que a cultura é historicamente construída, ou seja, assume dinamicidade e mutabilidade no âmbito das complexas relações sociais desenhadas a partir de uma sociabilidade que se processa no tempo e no espaço (MINAYO, 1992) Consideramos, nesse sentido, que as relações sociais são frutos de uma sociabilidade que é instaurada para organizar a vida em sociedade no que se refere ao processo de produção e reprodução do ser social (LESSA, 1999).

Assim, se os significados atribuídos à maternidade e às funções das mulheres são produtos da cultura e se esta, por sua vez, é produto do conjunto das relações sociais processadas para realizar um determinado modo de sociabilidade, compreendemos que é necessário inscrever o debate acerca dos significados da maternidade (e das funções das mulheres) no debate sobre a sociabilidade capitalista – que atravessam a sociedade brasileira na contemporânea.

É a partir das reflexões sobre as funções idealizadas para a mulher que trataremos do debate acerca da maternidade no contexto acadêmico no item a seguir.

1.2. ENSINO SUPERIOR E MATERNIDADE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS?

Ao falar do papel da mulher na sociedade como um todo, é imprescindível falar dos

avanços conquistados por lutas sociais e articulações do movimento feminista⁴ (SARDENBERG, 1994). Nada do que se tem hoje por direito para as mulheres veio por acaso. Santana e Benevento (2013) explicitam que o crescimento da participação feminina na esfera popular é resultante de reivindicações feministas. Tais reivindicações asseguraram o direito ao voto, direito ao trabalho formal, e participação pública (CARNEIRO, 2003).

Segundo as abordagens de gênero, as diferenças nos níveis educacionais não decorrem das características biológicas, mas sim, das condições históricas e estruturais da conformação social de cada sociedade (LOURO, 1997; SCOTT, 2012). Tradicionalmente, em quase todos os países do mundo as mulheres sempre tiveram maiores dificuldades de acesso à escola. Alguns países, segundo Pereira e Favero (2017), conseguiram eliminar estas desigualdades.

O hiato de gênero⁵ e o déficit educacional das mulheres fizeram parte da realidade brasileira durante mais de 400 anos (BELTRÃO; ALVES, 2016). Segundo Aragão e Kreutz (2010, p. 109), “no período colonial no Brasil a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”. O acesso das mulheres a educação foi uma das principais conquistas femininas no último século, onde as mulheres conseguiram eliminar e reverter este hiato (PEREIRA, 2017). Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação passou a ser um direito de todos e um dever do Estado, o que se alinhou à pressão do movimento internacional de luta em prol da educação com qualidade.

A redução do hiato de gênero e o maior acesso das mulheres à educação são objetivos explícitos da IV Conferência da Mulher (1995), do Fórum Mundial de Educação (2000) e das Metas do Milênio (2000). Todas as Conferências Internacionais promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), nos últimos dez anos, partem do princípio de que para se chegar a um mundo mais justo e próspero é preciso eliminar as discriminações contra o sexo feminino em todos os campos de atividade, especialmente na educação propiciando maior status e autonomia, isto é, maior empoderamento das mulheres (BELTRÃO, 2016, p. 2).

O Brasil é um exemplo de país que conseguiu reverter o hiato de gênero na educação e

⁴ O feminismo é o movimento social que luta contra a violência de gênero e pela igualdade de direito e de condições das mulheres na sociedade (CARNEIRO, 2003).

⁵ O hiato de gênero (gender gap) na educação ocorre quando existem diferenças sistemáticas nos níveis de escolaridade entre homens e mulheres (BELTRÃO, 2016).

eliminar o déficit educacional das mulheres (BELTRÃO, 2016). Autores como Fanny Tabak (2002); Velho e Léon (1998) e Estela Aquino (2006) discutem em suas obras os desafios históricos e contemporâneos relacionados à inserção da mulher brasileira no contexto da vida acadêmica.

Para Reis (2017) os indivíduos buscam crescimento profissional, pessoal e social através da inserção na universidade, por necessidades de diversas ordens, as mulheres, por questões historicamente conhecidas sobre disparidades de gênero, buscam pela emancipação em todos os âmbitos sociais, principalmente dentro do contexto da universidade. Matos e Borelli (2012) ressaltam que a educação feminina é vista como fundamental para a independência das mulheres. A universidade, por sua vez, tem papel poderoso e de extrema importância no percurso da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, tornando-se um suporte para alcance deste objetivo (RIBEIRO, 2017).

A universidade, como local de busca de emancipação dos seres, deve, então, procurar subsidiar todos os indivíduos que nela se adentrarem. Tendo em vista que ela é um espaço de formação e de construção de saberes acadêmico-científicos, é extremamente importante refletir sobre causas e efeitos (histórico-culturais, sociais e políticos) das desigualdade (SILVA, 2008; MATOS, 2012).

Nos últimos anos, em razão de políticas públicas de ação afirmativa⁶, ocorreu uma transformação no ensino público universitário, rompendo com as dimensões historicamente excludentes de um modelo de educação superior, marcado por padrões colonialistas, com uma expressiva inserção de estudantes oriundos das camadas populares, ainda que não estivessem preocupados por assegurar a permanência dessas populações no espaço educacional (MOEHLECKE, 2002; MATOS, 2012; PEREIRA, 2017). A inserção dessas mulheres em universidades, particularmente nas de caráter público, vem intensificando a discussão do papel destas enquanto ambiente de desenvolvimento (SILVA, 2008).

Pesquisas recentes indicam que as mulheres tem sido maioria em todos os níveis de ensino no Brasil, inclusive o superior. Dados do Censo da Educação Superior de 2016 revelam que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação (PEREIRA; FAVERO, NALG, 2017).

Porém, SAMPAIO (2008) enfatiza que o tempo de realização de estudos universitários acaba por coincidir com outras etapas da vida, como mudanças nas relações familiares,

⁶ A ação afirmativa busca corrigir uma situação de discriminação e desigualdade que acomete certos grupos através de medidas sociais, econômicas, políticas ou culturais (MOEHLECKE, 2002).

afetivas e sexuais de uma parcela significativa da população. A gravidez é um dos motivos que mais afastam as jovens brasileiras dos estudos, conforme uma pesquisa de 2016, realizada em parceria com Ministério da Educação, a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências (Flacso) (ABRAMOVAY et al., 2015).

Segundo dados da pesquisa realizada pelo IBGE⁷ (2016), 8,81% das mulheres cursando o ensino superior, com idade entre 19 e 29 anos têm filhos na faixa etária de 0 a 4 anos. Isso significa dizer, portanto, que quase 10% das mulheres universitárias brasileiras nesta faixa, são mães de crianças pequenas, e podem vir a demandar políticas públicas que lhes permitam permanecer no ambiente acadêmico e concluir suas graduações (REIS, 2017). Entretanto a estrutura e a forma de organização da carreira acadêmica continuam a limitar a ascensão profissional das mulheres nesse contexto, especialmente quando estas são mães, implicando em um processo por vezes conflitante, de conciliação entre projetos distintos, porém, que não deveriam ser concorrentes: maternidade e uma carreira acadêmica-profissional (MANSON; GOLDEN, 2002; TABAK, 2002; AQUINO, 2005, 2006).

A vivência da maternidade na vida de mulheres que fazem carreira no contexto acadêmico traz uma série de dificuldades, especialmente aquelas relacionadas ao preconceito de gênero e ao processo de conciliação entre maternidade e vida acadêmica, o que já não ocorre entre os homens, que tendem a ascender mais rapidamente, quando “casados e com filhos” (MANSON; GOULDEN, 2002; AQUINO, 2006). A formação familiar de cada mulher que é mãe e estudante, para Ribeiro (2016), influencia diretamente no grau de dificuldade que a mesma encontra em conciliar seus estudos com sua vida materna.

Segundo URPIA (2009) os estudos acerca do contexto da maternidade e vida acadêmica indicam desvantagens para as mulheres, uma vez que recaem sobre elas, as responsabilidades dos cuidados parentais na nossa cultura. É interessante ponderar o entendimento de que há diversas subjetividades para as mulheres e mães, e é válido, e necessário, respeitar os mais diferentes formatos de cuidados maternos que existem, dentro dos mais variados campos de estudos (RIBEIRO, 2017).

Diante disso, este estudo se dedica a analisar os desafios e as possibilidades de conciliar a maternidade com a vida acadêmica das mães estudantes do curso de Terapia Ocupacional do Campus I da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Partindo do pressuposto de que a Universidade Federal da Paraíba não fornece os meios necessários para

⁷ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE é o principal provedor de informações geográficas e estatísticas do Brasil.

que estudantes com filhos na faixa etária entre 0 e 12 anos de idade tenham suporte para permanecer adequadamente na instituição e exercer suas responsabilidades maternas e acadêmicas.

Assim, delimitaram-se as seguintes questões de pesquisa: Quais são os desafios e as possibilidades de conciliar a vida universitária com a maternidade para as mães estudantes do curso de Terapia Ocupacional da UFPB? Quais fatores contribuem para a permanência universitária destas mães estudantes?

A relevância na realização da pesquisa se justifica no sentido de reverberar as dificuldades e desafios enfrentados por essas mães estudantes, para contribuir para que a instituição e os profissionais da educação compreendam os fatores que contribuem para que a vivência da maternidade no âmbito acadêmico se torne um momento com menos desafios e com mais suporte, traçando estratégias para inserção e garantia da permanência das mães estudantes, através do papel social da instituição.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS

- Analisar os desafios e as possibilidades de conciliar a maternidade com a vida acadêmica das mães estudantes do curso de Terapia Ocupacional do Campus I da Universidade Federal da Paraíba - UFPB

2.1.1 Objetivos Específicos

- Conhecer as trajetórias das mães estudantes na intersecção das vivências da maternidade e demandas acadêmicas;
- Identificar os fatores que influenciam na permanência universitária das mães estudantes no curso de Terapia Ocupacional da UFPB.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Considerando a natureza do presente estudo e os objetivos traçados, o desenvolvimento da investigação se deu por meio de uma abordagem qualitativa com característica descritiva exploratória, embasado em Minayo (2008), que descreve o compromisso da pesquisa qualitativa em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que são advindas de crenças, valores, atitudes e hábitos, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

3.2 CAMPO DE ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida no Campus I da Universidade Federal da Paraíba localizada no município de João Pessoa, cidade litorania, capital do estado da Paraíba.

Com o intuito de ilustrar o entendimento acerca do curso de Terapia Ocupacional na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pontuo um pouco sobre a história da implantação e dados a respeito do departamento de Terapia Ocupacional da UFPB.

Neste sentido, é oportuno destacar que a Universidade Federal da Paraíba foi a primeira no estado a ofertar em 2010, o curso de graduação em Terapia Ocupacional⁸, é inclusive o único campus que disponibiliza acesso ao curso no estado. O curso de Terapia Ocupacional da UFPB, foi criado através da Resolução CONSEPE⁹ n° 45/2009 e reconhecido pela Portaria n° 346, de 3 de junho de 2014, do Ministério da Educação. Tem carga horária total de 3.450 horas e integralização mínima em oito semestres e máxima em doze. A primeira turma do curso iniciou suas aulas no período letivo 2010.2 e concluiu no período letivo 2014. Em abril de 2018 recebeu nota máxima avaliação do MEC (Conceito 5) em avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, após visita técnica realizada por integrantes do órgão.

Operacionalizado nos turnos da manhã e da tarde, oferece 30 vagas por semestre e possui, em 2020, 180 alunos com matrícula ativa¹⁰. Desde o ingresso até a conclusão, cada

⁸ Fonte: <<http://www.ccs.ufpb.br/depto>>

⁹ CONSEPE – Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão.

¹⁰ Fonte: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/alunos.jsf?lc=pt_BR&id=1626813>

discente tem orientação acadêmica de um professor-tutor, conforme previsto em regulamentação da UFPB e por determinação específica do colegiado do curso. Segundo dados da última atualização parcial do site oficial da Universidade Federal da Paraíba¹¹, o grupo de docentes do Departamento de Terapia Ocupacional, é composto por 23 docentes efetivos, com dedicação exclusiva, que integram o quadro permanente da Universidade, além de 04 docentes em lotação provisória (professoras substitutas), é importante ressaltar que dos 27 docentes atuantes no departamento atualmente, apenas um é do sexo masculino, tendo o curso de Terapia Ocupacional o corpo docente majoritariamente feminino.

O Departamento de Terapia Ocupacional está localizado no Centro de Ciências da Saúde (CCS), no prédio de Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia no Campus I da Universidade Federal da Paraíba localizada no município de João Pessoa – PB.

Coloca-se em questão, o ambiente acadêmico ao qual os alunos e alunas de Terapia Ocupacional estão inseridos/as, para que se possa analisar o contexto em que as mulheres mães entrevistadas nesta pesquisa estão submetidas. Percebe-se que estes dados parciais e meramente quantitativos, ajudam a ilustrar o cenário estudantil e o público pelo qual o Departamento de Terapia Ocupacional encontra-se responsável. Entretanto, pondera-se também a falta de informações mais profundas por parte da Universidade, acerca do perfil das alunas mães ingressantes, tanto em Terapia Ocupacional quanto nos demais cursos. Ou seja, percebe-se o baixo empenho da Universidade Federal da Paraíba em conhecer seu público, de modo a estar ciente de suas reais necessidades e trajetórias sociais, sendo problemático que uma instituição tão grande e relativamente plural, se faz pouco efetiva desde o início da identificação de seus alunos. O que torna as ações promovidas pela Universidade ineficiente no tange a garantia da permanência universitária.

3.3 SUJEITOS DO ESTUDO

Foram consideradas população da pesquisa todas aquelas estudantes do curso de Terapia Ocupacional da UFPB (campus I) que vivenciam a maternidade, com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos, com filho(os)/filha(as) na faixa etária entre 0 a 12 anos, que mantenha vínculo acadêmico com a UFPB no momento da pesquisa, atendendo assim às perspectivas específicas do estudo.

Todas as entrevistadas enquadravam-se nos critérios de inclusão. Sendo eles: ser

¹¹ Fonte: < <http://www.prg.ufpb.br/>>

estudante do curso de Terapia Ocupacional da UFPB (campus I); ter idade entre 15 e 29 anos; estar vivenciando a maternidade; ter filho(os)/filha(as) na faixa etária entre 0 a 12 anos; ter vínculo acadêmico com a UFPB e aceitar participar voluntariamente da pesquisa, mediante assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

O contato com as participantes ocorreu no início do primeiro semestre de 2019 com o intuito de apresentar a proposta da pesquisa e iniciar uma aproximação para facilitar o contato posterior para coleta de dados. No primeiro encontro com cada participante foram detalhados os objetivos da pesquisa, as condições de participação, e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após o conhecimento dos objetivos e concordância com os termos da pesquisa, foram agendados os encontros para a realização das entrevistas em locais de sua preferência. A maioria das entrevistas ocorreram no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, no período entre novembro de 2019 a fevereiro de 2020, em locais que assegurasse a privacidade das participantes. Apenas uma foi realizada na residência da participante. O tempo médio das entrevistas foi de 45 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora. Antes de iniciar as entrevistas, para garantir o anonimato das participantes, foi proposta a escolha de codinomes¹² ou nomes fictícios, algumas das entrevistadas preferiram usar o próprio nome por considerarem importante serem reconhecidas em suas falas.

Participaram deste estudo cinco mulheres mães com idade média de 24 anos, variando de 19 a 29 anos, estudantes do curso de Terapia Ocupacional da UFPB - Universidade Federal da Paraíba.

3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, utilizou-se de uma entrevista semiestruturada que, segundo Minayo (2008) é compreendida como aquela que possibilita, a partir de questões norteadoras embasadas no contexto teórico da pesquisa, que o entrevistado expressa seu pensamento, vivências, sentidos e significados construídos a partir da experiência, participando ativamente no processo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1995; MINAYO, 2012).

O roteiro temático (APÊNDICE B) abordou questões acerca das trajetórias acadêmicas na intersecção das vivências da maternidade, que nos permitem identificar os fatores que

¹² Designação que serve para ocultar a identidade de alguém

influenciam na permanência universitária destas mães, e os desafios da vivência acadêmica que as mulheres com filhos entre 0 e 12 anos de idade encontram ao longo de suas graduações

3.5 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Para o tratamento e análise dos dados, obtidos a partir das entrevistas individuais, foi utilizado como referencial à análise de conteúdo, modalidade temática (BARDIN, 2011). A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos.

Para Bardin (2011), o termo análise de conteúdo visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Bardin (2011) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Este projeto de pesquisa foi desenvolvido em conformidade com as normas vigentes que estão relacionadas ao tema da pesquisa. O projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Médicas (CCM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), fundamentado conforme as diretrizes da Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e foi aprovado conforme o parecer número 3.640.746.

Salienta-se que a participação das estudantes se deu de maneira voluntária e apenas após a explicação acerca dos objetivos que são intrínsecos à pesquisa e, o ato da assinatura do TCLE, estando este em consonância com as recomendações da CONEP.

O termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue às participantes, as quais ficaram com posse de uma cópia, permanecendo outra com a pesquisadora. Este termo informou aos sujeitos sobre a ausência de custos, assim como a possibilidade de interromper sua participação, caso haja algum desconforto ou constrangimento ao falar de sua trajetória de

vida, podendo ter suas informações retiradas do estudo no momento em que desejar, sem que seja, de qualquer forma, penalizado por isso.

O material coletado é de uso exclusivo do pesquisador, sendo utilizado com a única finalidade de fornecer elementos para a realização desta pesquisa e dos artigos e publicações que dela resultem. No projeto da pesquisa e mesmo na escrita da monografia, é assegurada a confidencialidade dos dados e das informações que possibilitem a identificação dos participantes. O material coletado não será objeto de comercialização ou divulgação que possa prejudicar o entrevistado. Nesse aspecto, os dados coletados serão guardados durante cinco anos pela pesquisadora, sendo destruídos tão logo esse prazo tenha expirado.

Não há ônus financeiros, ou investimentos de recursos de qualquer natureza por parte da instituição UFPB, e/ou por parte das pessoas pesquisadas. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados recursos próprios da pesquisadora, a qual assumiu a responsabilidade por todos os investimentos necessários em todas suas etapas, não implicando em possibilidade de restituição de valores a qualquer título por parte da UFPB.

A pesquisadora Lídia Laís Balbino Gomes (Acadêmica do curso de Terapia Ocupacional), enfatiza o compromisso e responsabilidade ética, garantindo o sigilo e respeito às falas, as crenças e valores das participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. QUEM SÃO ESSAS MULHERES?

Para apresentar quem são essas mulheres, elaboramos essa tabela, a fim de traçar um panorama geral do perfil das entrevistadas e fomentar o debate acerca de suas condições financeiras, étnico-raciais e etárias (Tabela 1).

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas da pesquisa.

Codinome	Alice	Lívia	Bruxa	Emmily	Danielle
Idade	28	22	24	29	19
Identidade étnico-racial	Parda	Branca	Preta	Preta	Branca
Estado civil	Solteira	Solteira	Solteira	Casada	Solteira
Naturalidade	João Pessoa-PB	Recife-PE	João Pessoa-PB	Santa Rita-PB	Solanea-PB
Município que reside	João Pessoa-PB	João Pessoa-PB	João Pessoa-PB	João Pessoa-PB	João Pessoa-PB
Composição familiar	Avó e filho	Companheiro, filha e cunhado	Mãe, filho, irmão e tia	e filho	Companheiro e filho
Nº de filhos	01	01	01	01	01
Idade dos filhos	06 anos	2,8 anos	06 anos	1,7 anos	03 meses
Especificidades	Diagnóstico de TEA		Diagnóstico de TEA	Lactente	Lactente
Profissão/ocupação	Estudante	Estudante	Estudante e Artesã	Estudante	Estudante e Aux. Adm.
Renda familiar mensal aproximada	3 a 4 Salários min.	0 a 2 Salários min.	0 a 2 Salários min.	0 a 2 Salários min.	0 a 2 Salários min.
Período do curso	3º	9º	11º	14º	2º
Especificidade	Desbloqueada	Desbloqueada	Desbloqueada	Desbloqueada	Desbloqueada

À vista disso, na questão remetente a idade atual, as entrevistadas responderam ter idades entre 19 e 29 anos, com média de 24,4 anos de idade. Todas são mães do primeiro filho, tendo eles idade entre 03 meses à 6 anos, com média de aproximadamente 3,3 anos de idade. Duas delas tornaram-se mães durante o curso; uma estava gestante quando ingressou na universidade e as outras duas já eram mães quando iniciaram o curso de graduação, as duas últimas citadas aliam os desafios de conciliar a vida acadêmica com a maternidade ao fato de serem mães de crianças diagnosticadas com TEA – Transtorno do Espectro Autismo. No que diz respeito à raça/etnia, de acordo com as respostas, nota-se que apenas uma mulher se classificou como parda, duas como pretas e duas como brancas. Quanto ao período que estão

cursando, todas afirmaram estarem desblocadas¹³, assim, as respostas obtidas foram: 2º, 3º, 9º, 11º e 14º período.

Em seguida, foi avaliado quais eram as profissões das entrevistadas, e percebeu-se que três delas são apenas estudantes, e duas autônomas. Nota-se que a maioria delas, sem profissão, poderia usufruir de auxílios financeiros da assistência estudantil para acesso a programas e auxílios específicos para suas condições. Para compreender superficialmente¹⁴ o perfil econômico das entrevistadas, foi questionada em seguida qual a renda familiar mensal, e quatro das entrevistadas responderam ter renda de 0 a 2 salários mínimos, e uma ter renda entre 3 a 4 salários mínimos. Existem dois extremos de renda, e apenas uma participante, das cinco entrevistadas com rendas entre 3 à 4 salários mínimos. Isso possibilita a reflexão acerca das desigualdades econômicas das famílias brasileiras, de forma que nas Universidades Públicas também é visível a divisão de classes dos estudantes, em seus mais diferenciados níveis.

Desse modo, foi pertinente questionar se essas mulheres conheciam ou já tiveram acesso a algum auxílio ou programa de assistência estudantil da Universidade Federal da Paraíba, e, se sim, quais. Apenas uma delas afirma receber o Auxílio moradia¹⁵.

Destaca-se que todas as participantes atualmente são moradores do município de João Pessoa – PB, três delas residiam em outras cidades e vieram para a capital para cursar o ensino superior, no entanto, seus núcleos familiares permanecem residindo na cidade de origem. Não se teve conhecimento acerca da infraestrutura das casas e bairros, mas foi possível perceber que a maioria reside em lugares distantes da Universidade Federal da Paraíba. O tempo gasto de deslocamento dessas e outras tantas mulheres, é um fator a ser considerado no desgaste físico, visto que, quando se tem filhos e estuda, o tempo pessoal passa a ser cada vez mais reduzido, ainda mais quando essas mulheres dependem exclusivamente do transporte público para se locomover. Acredita-se que a distância e a dificuldade de acesso também venham a ser um dos fatores que possam influenciar na taxa de ingresso e permanência destas mulheres na graduação.

¹³ No dia a dia da graduação usamos o termo “bloqueado” para se referir ao aluno que está com todas as disciplinas em dia. Este termo não tem este significado no regulamento da graduação. O aluno pode estar bloqueado em relação a uma disciplina e desbloqueado em relação a outra.

¹⁴ Não foi realizado um estudo aprofundado com relação às condições socioeconômicas das participantes.

¹⁵ Trata-se de um programa de assistência estudantil que se propõe a colaborar com a permanência dos estudantes, através de auxílio financeiro mensal e alimentação gratuita no Restaurante Universitário. Todo semestre é feito um novo edital de admissão dos alunos assistidos, onde os mesmos se submetem a uma análise criteriosa socioeconômica.

Com relação à composição familiar, identificou-se uma família monoparental¹⁶ (composta pela mãe e pela criança); outras duas, além da mãe e do filho, apresentam a figura da avó e de tio/tia; as demais famílias são compostas pela mãe, pai e pela criança. A figura do pai é notada em quatro das famílias, sendo que em apenas duas famílias os mesmos participam da criação e convivem diariamente com seus filhos. Duas das mulheres se identificaram como “mãe solo”. Além disso, duas dessas mulheres são mães de crianças com TEA – Transtorno do Espectro do Autismo, o que requer delas ainda mais dedicação de tempo e cuidado. Outras duas são mães de bebês lactentes, onde parte da sua nutrição depende ainda da amamentação, não podendo ficar separados por longos períodos.

É importante destacar também que os codinomes, ou nomes fictícios, utilizados por duas das cinco participantes foram escolhidos por elas, as demais optaram por serem identificadas pelos seus nomes. Em seus relatos expressaram ser importante terem suas falas reconhecidas.

4.2. CATEGORIAS TEMÁTICAS

Serão apresentadas a seguir as três categorias temáticas evidenciadas a partir da análise e interpretação dos dados coletados por meio das entrevistas em consonância com os objetivos que a presente pesquisa se propôs alcançar.

A primeira categoria temática é: “Hoje eu sou uma mãe universitária” – Trajetórias das mães estudantes na intersecção das vivências da maternidade e demandas acadêmicas, que irá apresentar e discutir as situações vivenciadas por essas mulheres ao experienciarem a maternidade durante a graduação.

A segunda categoria temática é: “Sinto que não estou sendo nem boa mãe, nem boa estudante” – Dificuldades de conciliar a vida acadêmica com a maternidade, que discute as experiências das mães estudantes no processo de conciliação da maternidade com as demandas da universidade.

A terceira e última categoria temática é: “Se não fosse a minha rede de apoio eu não estaria conseguindo” – Possibilidades de permanência universitária, que irá discutir as estratégias que as mães estudantes têm adotado, e acessado, para suprir suas necessidades e permanecer na Universidade.

¹⁶ Famílias constituídas por um dos genitores ou tutores e seus filhos (SULPINO, 2016).

4.2.1. “HOJE EU SOU UMA MÃE UNIVERSITÁRIA” – Trajetórias das Mães Estudantes na intersecção das vivências da maternidade e demandas acadêmicas.

Nessa categoria serão apresentadas as vivências experienciadas pelas mães estudantes entrevistadas e suas trajetórias na intersecção da maternidade e vida acadêmica. Dentro da esfera da vivência da maternidade no contexto acadêmico, podemos identificar diferentes realidades, com a análise dos resultados desta pesquisa foi possível observar duas: as das mulheres que se tornam mães durante a graduação e a das mulheres que ingressaram na universidade sendo mães de filhos pequenos. Cada uma dessas mães trazem consigo e para o espaço acadêmico expectativas, inseguranças e contribuições que precisam ser ouvidas para que a universidade contemple a diversidade que ela abriga, sem calar discursos, saberes e histórias (SAMPAIO, 2008).

Emmily tem 29 anos, se identifica como uma mulher preta, casada, mãe do Arthur - que possui 1 ano e 7 meses de idade, que ainda está em processo de amamentação, mora com seu esposo e filho, e tem tentado conciliar a vida de estudante de Terapia Ocupacional cursando seu 14º período (o equivalente ao 8º período da graduação) com a maternidade. Emmily foi a primeira aluna de Terapia Ocupacional da UFPB a requerer a dilatação de curso¹⁷ na proporção de até 2 (dois) períodos letivos, para poder concluir sua graduação.

Escolho iniciar contando a história da Emmily, por diversos fatores, o principal deles: as dificuldades que enfrentamos para realizarmos a entrevista. Tentamos por diversas vezes conciliar a nossa agenda - horários locais - e muitas dessas vezes tentativas sem sucesso, sempre havia um imprevisto, até que durante as férias recebo o convite para ir à sua casa para realizarmos a entrevista, finalmente conseguimos. Começamos a entrevista e, lá pelo meio desta, lá estava Arthur, requisitando a mãe, volta-e-meia sendo amamentado. Era incrível como ela conseguia responder às minhas perguntas, falando de sua experiência e, ao mesmo tempo, dando atenção ao seu filho. Ele, como toda criança nesta idade, andava, falava, pedia para mamar, pegava objetos que encontrava à vista... Enquanto isso, ela falava, tirava um objeto perigoso das mãos do filho, colocava-o no colo, amamentava, voltava a falar e, tudo isso, ao mesmo tempo. Eu a observava admirada, tinha a vista um cenário perfeito do que é a vida de uma jovem mulher que conjuga maternidade e vida acadêmica: um verdadeiro

¹⁷ Prorrogação do limite para conclusão do curso (Resolução nº.16/2015 do CONSEPE -Título XXVI - Capítulo I da prorrogação de prazo para integralização curricular do decurso de prazo máximo – Art.255 - 256). Fonte: < <http://www.ccsa.ufpb.br/ccri/contents/documentos/resolucoes/resolucao-2015.pdf>>.

“sufoco” que vai naturalizando-se pela força das circunstâncias e do desejo de continuar.

Emmily conta que quando ingressou na universidade “foi maravilhoso, pra mim foi um, um momento único”, naquela época ela ainda não era mãe, “foi muito bom o ingresso foi muito comemorado, foi um período bom”. Sua história também traz outros elementos importantes para essa discussão, ao nos relatar o modo como essa experiência surge, inesperadamente, acarretando em mudanças significativas em sua vida.

Ser mãe é tudo pra mim, tipo, foi um sonho realizado. É ter um amor, tipo, que você não sabe explicar, é alguém que fora do seu corpo que você precisa dar conta, educar, ensinar e foi tudo pra mim. E é o maior amor da minha vida. (Daniele)

Lívia tem 22 anos, uma mulher branca, solteira, mãe da Aninha de 2 ano e 8 meses de idade, é natural de Recife - Pernambuco, mas viveu parte da sua vida em um cidade no interior do estado da Paraíba, veio à capital para estudar e tem tentado conciliar a vida de estudante de Terapia Ocupacional cursando seu 9º período (o equivalente ao 7º período da graduação) com a maternidade. Lívia conta que Terapia Ocupacional foi seu primeiro curso de graduação, primeiro vestibular, assim como foi a primeira vez que deixa a casa de seus pais e vem morar em outra cidade com sua irmã, na época do ingresso ainda não era mãe.

[...] foi mais um momento de adaptação de vir morar sozinha em uma cidade grande. Me virar aqui só eu e minha irmã, sem família e sem ninguém e tipo: crescer, aprender a morar sozinha e viver sozinha. Foi bem desafiador e cansativo também. (Lívia)

Lívia torna-se mãe ainda nos primeiros anos do curso, por volta do 3º para o 4º período, e ela passa a atrelar ao desafio de morar longe da família o de dar continuidade ao seu curso de graduação, agora na condição de grávida. “Na época ainda foi relativamente tranquilo porque a gente ainda não estava nas disciplinas práticas, mas, eu tranquei disciplinas por que eu não tinha condições físicas de passar o dia inteiro na universidade”.

Daniele tem 19 anos, é a mais jovem das entrevistadas, uma mulher branca, casada, mãe de Abraão de 03 meses de idade, natural de Solânea interior do estado da Paraíba, veio morar na capital há poucos anos, atualmente mora com seu marido e filho, e tem tentado conciliar a vida de estudante de Terapia Ocupacional cursando seu 2º período com a maternidade. Daniele tem vivenciado essa nova realidade mais recentemente, conta como foi seu ingresso na universidade “eu tava grávida, no começo da gravidez. Na verdade eu já tava

com uns quatro meses e no final do período que eu vim ter meu filho”.

Segundo Torres (2000), no imaginário social espera-se que os homens sejam indivíduos sem família, às mulheres exige-se que a família se sobreponha a seus desejos e realizações pessoais. Dessa forma, a sociedade espera que a mulher sobreponha a maternidade à vida acadêmica, e este é o primeiro desafio encontrado por essas estudantes.

As histórias de Emmily, Lívia e Daniele tem em comum principalmente o fato de terem se tornado mãe durante a graduação, tendo vivenciado a maternidade desde a gestação nesse contexto, experienciando a transição de estudante para a de mãe estudante, deparando-se com os desafios inerentes a essa conciliação desde o gestar, perpassando pelas dificuldades de ter uma criança pequena – bebê – dentro desse contexto. Como elemento-chave a denúncia aos aspectos burocráticos e relacionais que, na dimensão institucional dessa experiência, dificultam o processo de transição para maternidade dessas jovens.

Depois dessa fase inicialzinha da gestação eu tava estagiando [...] e aí quando eu parei pra fazer um calculo eu tinha bebê antes de fechar a carga obrigatória de estágio, mesmo que eu não faltasse, eu indo até o final da minha gestação, eu ainda iria reprovar por falta [...] então eu perdi esse estágio. (Emmily)

A Lei nº 6.202/75 garante às estudantes grávidas, a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a assistência pelo regime de exercícios domiciliar instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969 (BRASIL, 1975). Porém, no caso relatado pela Emmily há um grande equívoco, uma vez que quando ela procura a coordenação do curso é orientada que exercícios domiciliar não a resguardava em seus direitos por estar em período de estágio. No entanto a Resolução nº 16/2015 – CONSEPE¹⁸ que aprova o Regulamento dos Cursos Regulares de Graduação da Universidade Federal da Paraíba no Título XIX - Capítulo I – DO REGIME DE EXERCÍCIOS DOMICILIARES no Art. 228 diz que:

Estando o estudante matriculado em estágio supervisionado ou disciplina predominantemente prática, ser-lhe-á estabelecido um horário especial para cumprimento da programação prática após o seu retorno às atividades escolares (Resolução nº 16/2015 – art. 228).

A estudante nos relata ter se sentido muito injustiçada, por não ter tido oportunidade de cumprir a carga horária exigida de outra maneira, em tempo oportuno, com aproveitamento

¹⁸ Fonte: < <http://www.prg.ufpb.br/>>

das horas já cumpridas. Não lhe foi apresentada outras possibilidades como é citada na resolução.

Outras situações vivenciadas pelas estudantes, que também dificultou esse processo de transição para a maternidade foram:

[...] eu precisei faltar alguns dias, por que ia fazer pré-natal, ia fazer exames. E aí, eu também tive algumas dificuldades com alguns professores que não compreendiam esse tipo de coisa. Ééé.. que, ééé... aconteceram situações de professoras não deixar eu repor um trabalho que eu precisei faltar no dia de fazer exame, sabe?! Esse tipo de coisa que acabei me atrasando no curso por que precisei, perdi algumas disciplinas por causa disso. (Lívia)

[...] algumas cadeiras eu não consegui pagar, justamente por isso também, porque eu não conseguia, tipo conciliar toda essa minha vida, o cansaço em si com as disciplinas. (Daniele)

A gestação pode ser considerada o fenômeno que promove maior transformação no corpo feminino (CAMACHO et al., 2010), podendo acarretar em significativas mudanças físicas e psicossociais na gestante. Do ponto de vista físico a mulher passa a ter sua imagem corporal totalmente modificada devido ao aumento de peso e da circunferência abdominal, ao crescimento das mamas e edemas, principalmente nos membros inferiores. As próprias modificações fisiológicas que acometem a mulher em estado gravídico-puerperal podem interferir no ensino, como a sonolência e os enjoos. Todas as gestantes vivenciam essas mudanças, variando de intensidade em cada mulher, afetando-as de formas diferentes seja ela de maneira sutil ou bastante acentuada. Apesar de serem necessárias e temporárias essas alterações podem causar insegurança e incômodo interferindo no dia a dia (BRANDEN, 2000).

Nesse sentido, a gestação requer da mulher readaptações com seu próprio corpo, seu self e com suas relações sociais (MEIRELES & COSTA, 2005).

[...] fora as mudanças físicas assim... eu ficava muito sonolenta o início da gestação, eu não tive enjoos, foi uma coisa boa assim... [...] era muito difícil, eu me sentia muito aérea mesmo assim... a parte biológica tá focada em fortalecer aquele bebê que tá no, né?! em você, e aí é como se faltasse um pouco de energia mental mesmo, então, eu, não sentia é... um desejo muito forte de estudar, não me sentia muito, assim... dentro, imersa dentro daquela universidade assim.. foi difícil o início. (Emmily)

Quando foi chegando mais pra o final da gravidez, as salas tipo: não tinha cadeiras que me confortasse fisicamente. Eu não aguentava passar a tarde todinha sentada na cadeira, dóia a coluna e era muito cansativo e acabei trancando algumas disciplinas por conta disso. E também naqueles momentos de enjoo, teve dias que eu não estava disposta pra ir para a universidade. Pegar ônibus também pra chegar aqui na universidade nessas condições não é fácil. Que as vezes você entra dentro do ônibus e ninguém da o lugar pra você sentar. Foi um momento cansativo (Lívia)
[...] era difícil pra mim vir grávida, sempre supervisionando a barriga. (Daniele)

Processo complexo e único na vida da mulher, a gestação é vivenciada de forma singular, devido a sua alta complexidade. Mesmo grande parte da população feminina passando por este processo não há similaridade entre as experiências (DE ASSIS FONSECA et al., 2018). Partindo dessa perspectiva, a confirmação da primeira gravidez deixa em evidência grandes transformações na vida da mulher, que requerem novas reconfigurações em diversas áreas de sua vida, dentre elas, a social e a familiar, tendo em vista que ela passará a assumir novos papéis sociais, alterações na dinâmica familiar, envolvendo também mudanças nas relações interpessoais e financeira. Quando os filhos chegam, diz Aquino (2006), as mulheres em carreiras acadêmicas são obrigadas a fazer escolhas difíceis, como a readequação do cotidiano para exercer sua nova ocupação, o que, por sua vez pode acarretar em uma menor disponibilidade para outras atividades. Essas e outras mudanças desencadeiam sentimentos ambivalentes (TRAVASSOS-RODRIGUEZ, 2013).

Também tem uma questão de não conseguir se envolver em todas as atividades acadêmicas, de você ver seus colegas participarem de projetos de extensão, de ações de coisas de eventos, de congresso, e você não pode ir. (Lívia)

[...] eu tive que adaptar a minha rotina de trabalho, gravidez, mas, pouco a pouco, eu fui me adaptando e deu certo. [...] Foi difícil pra mim conciliar, até agora tá meio complicado, mas tipo eu vou fazer alguns ajustes necessários, dar prioridade sempre ao meu filho, mas eu vou continuar a universidade mesmo trazendo ele, é literalmente se virar nos trinta, porque você sempre tem que tá ali, tem que cumprir suas atividades como estudante e ao mesmo tempo dá a prioridade ao seu filho, porque cada fase é uma coisa diferente na vida do bebê. (Daniele)

Tornar-se mãe no contexto acadêmico traz um caráter novo à discussão nesse cenário. Tenciona agregar o contexto acadêmico, a realidade de mulheres que em sua grande maioria

são jovens em situação de dependência total ou parcial de suas famílias de origem, a condição de mães universitárias (URPIA, 2009). Não obstante, as mulheres que são mães e ingressam no ensino superior também necessitam ser reconhecidas socialmente, sendo mulheres-mãe-acadêmicas que lutam para atingir seus projetos de vida (CANGIANI; MONTES, 2010).

Alice é uma mulher de 28 anos, parda, mãe, solteira, natural de João Pessoa-PB, onde reside atualmente com a sua avó e seu filho de 06 anos. É estudante de Terapia Ocupacional cursando o 3º período, sendo este o seu segundo curso de graduação. Seu encontro com a Terapia Ocupacional se deu quando iniciou o tratamento do seu filho, diagnosticado com TEA – Transtorno do Espectro Autista. Sempre o acompanha nas sessões de terapias e, em um dessas, a terapeuta ocupacional que o atende a incentivou a buscar a graduação. Desde então Alice se dedica ao curso de Terapia Ocupacional, pois, vê na Terapia Ocupacional, a partir de suas experiências, uma oportunidade de ajudar outras mães de crianças autistas.

Bruxa é uma mulher de 24 anos, preta, pobre e periférica (como se identifica), solteira e mãe solo. Natural de João Pessoa-PB, onde reside atualmente com a sua mãe, irmão, sua tia e seu filho. É artesã e estudante de Terapia Ocupacional, cursando o 11º período – equivalente ao 8º período, o seu primeiro curso de graduação. Já era mãe no momento do ingresso, na ocasião seu filho tinha 1 ano de idade, hoje com 6 anos tem o diagnóstico de TEA – Transtorno do Espectro Autista. Ao escolher cursar TO se depara com seu primeiro conflito: um curso de período integral que iria lhe colocar durante quatro anos distante da criação do meu filho, e se questiona “como é que ia ser eu passar durante quatro anos o dia todo na universidade? Quem é que ia ficar com ele?”.

Alice e Bruxa se veem confrontadas com diferentes desafios, quanto à experiência da maternidade no contexto acadêmico, porém não menos desafiadoras, deparando-se com a tarefa de viver, simultaneamente, dois eventos de transição: exercer a maternidade e torna-se universitária. Ambas ingressaram na universidade já sendo mães (Bruxa de um bebê de 1 ano e Alice de uma criança de 5 anos). Esse fato muda um pouco às experiências que iram vivenciar com seus filhos no âmbito da universidade, porém o fato de serem mães de crianças com TEA e mães solteiras, faz com que os desafios dessa conciliação tomem outras proporções, uma vez que a dedicação aos filhos está para além dos cuidados (alimentação, higiene etc.) estendem-se a rotinas exaustivas de terapias, idas aos médicos, especialistas. Dentre as principais queixas das entrevistadas está a ausência por longos períodos de seu filho, o que para Da Rosa (2018) dificulta a escolha da mulher em se graduar ou ser mãe.

Foi difícil, porque como ele tem esse diagnóstico, esse transtorno, né? então sempre fica aquela cabeça voltada pra casa e a cabeça voltada pra aqui, já que temos todo esse comprometimento de a gente está estudando, está em todo processo de aprendizagem, então foi, tem sido complicado [...] eu não me vejo longe dele, eu não me vejo separada, e às vezes eu fico pensando: caramba, a vida passa muito rápido, a gente passa muito tempo aqui estudando, desenvolvendo alguma outra ocupação. (Alice)

Ele estava com 1 ano, ai para eu ficar aqui ele teve que ir para uma creche publica, um CREI, que em si é muito bom sabe, mas no inicio foi bem pesado, ele tava acostumado a tá o tempo inteiro comigo né, o difícil para mim nem era a relação de tempo sabe [...] era a relação que eu tava estabelecendo com ele, porque alguns dias à noite eu chegava e ele não queria esta perto de mim, como se tivesse raiva sabe. Algumas vezes preferia está com minha mãe do que está comigo. Ai eu fiquei me questionando em relação à identidade sabe, de “será que eu sou uma boa mãe?”. (Bruxa)

Afirma-se que essa situação faz com que as mulheres vivenciem vários sentimentos, como ansiedade, medo, angústia, culpa (SOARES et al., 2013). Dessa forma, fomentar o debate sobre essas questões pode muitas vezes ser um instrumento de fortalecimento das mães que se deparam constantemente com tantas barreiras e empecílios, quando persistem na difícil tarefa de conciliar a maternidade à universidade.

Hoje eu sou uma mãe universitária, era estudante universitária que virei mãe, hoje eu me identifico como mãe que sou estudante universitária e eu vou sempre tentar conciliar a faculdade com a maternidade. Então eu acho que a minha prioridade é ser mãe, então, assim... Acho que é uma discussão que precisa ser levada mais em pauta como a gente leva outros assuntos ocupacionais, outros papéis ocupacionais. (Emmily)

Em conformidade com os relatos das entrevistadas, de fato, a chegada de um filho interfere, positiva ou negativamente, na vida das mulheres e as atividades acadêmicas, inevitavelmente, tendem a ficar em um segundo plano. Para elas, o mais difícil é exatamente conseguir conciliar o tempo de ser universitária e de ser mãe, e acabam por experimentar diversos desafios na conciliação da vida acadêmica com a materna, persistência é o primeiro deles. Conciliar faculdade com maternidade é um tanto quanto complicado, e exige sacrifícios.

Em relação a mim foi um momento bem difícil, por que eu não tinha tempo de me alimentar direito porque tinha que sair correndo

da universidade pra chegar correndo na casa do pai dela pegar ela para voltar pra universidade correndo. Não comia, não descansava, não conseguia essa parte do cuidado comigo, ficou realmente muito negligenciado. Eu não conseguia me cuidar, não tinha tempo pra isso. (Lívia)

Por conta da maternidade, Lívia acredita ter negligenciado o autocuidado. Essa sobrecarga resulta em poucas horas de sono, alimentação inadequada, ansiedade, pouco tempo para dar atenção e cuidado para uma criança que está em fase de desenvolvimento. Criança sente falta da mãe, cobra presença, tempo e dedicação, “Falta de tempo para realizar todas as demandas” o que pode resultar em notas baixas, reprovações, desistências e jubilações. Essa é a realidade de diversas mulheres na UFPB, que passam por inúmeras dificuldades, encontram apoio onde é possível e seguem em busca de concluir uma graduação.

4.2.2. “SINTO QUE NÃO ESTOU SENDO NEM BOA MÃE, NEM BOA ESTUDANTE” – Dificuldades de conciliar a vida acadêmica com a maternidade.

Nessa categoria apresento as dificuldades experienciadas das mães estudantes entrevistadas na intersecção da vivência da maternidade e vida acadêmica, as dificuldades, os desafios dessa conciliação e as motivações que as fazem permanecer no âmbito acadêmico. Início discutindo sobre a compreensão da maternidade, que se desenvolve ao longo da vida da mulher e depende de vários fatores psicossociais, culturais e familiares. De acordo com Kimura (1997), é durante a gestação que a mulher começa a construir uma imagem idealizada de si como mãe e do bebê como filho.

Ser mãe é tudo pra mim, tipo, foi um sonho realizado. É ter um amor, tipo, que você não sabe explicar, é alguém que está fora do seu corpo que você precisa dar conta, educar, ensinar e foi tudo pra mim. E é o maior amor da minha vida. (Daniele)

Bem, ser mãe acaba que te fazendo amadurecer, com outros olhos. (Alice)

Eu vejo a maternidade como um peso muito grande. Ser mãe jovem nessa situação é realmente muito difícil, porque você vê as outras pessoas da sua idade passando por outras situações na vida e pra mim, ser mãe é tipo perder a liberdade. Porque você não mais faz coisas para você, tudo que você faz é pensando no seu filho. Você se submete a situações que são desagradáveis por causa do seu filho, porque você não pode expor ele. Ser uma mãe éee... realmente atenciosa é abrir mão de você, e. Mas, se dedicar a uma criança é a sua vida ali, é você abrir mão de você pra ter um filho. (Lívia)

Hoje tudo pra mim faz muito sentido, eu vejo o quanto o nosso corpo é pronto pra gerar, quanto a nossa mente suporta a privação de algumas coisas, como na maternidade, por exemplo: uma privação de sono; pra algumas pessoas uma privação de alimento, que muitas vezes tá ali dando mamá ao neném, se não tiver uma rede de apoio você nem come, mas nos somos capazes de superar, assim, é difícil, precisa de ajuda, precisa de cuidado, mas, nos somos capazes. E pra mim é... é... eu me sinto hoje bem assim... com essa natureza divina aflorada em torno de ser mãe assim , pra mim é muito importante. (Emmily)

Na vivência da maternidade¹⁹ a maioria das mulheres experimenta sentimentos contraditórios e inconciliáveis com a imagem idealizada da maternidade ditada pela cultura. “Desta forma, estabelece-se um conflito entre o ideal e o vivido e instaura-se um sofrimento psíquico que pode se configurar como uma base para a depressão após o parto” (AZEVEDO e ARRAIS, 2006, p.269). A visão romantizada sobre a maternidade pode gerar sentimentos de frustração e impotência na mulher, podendo leva-la a problemas psicológicos graves na busca obsessiva pela perfeição inalcançável (AZEVEDO E ARRAIS, 2006). A ideia de que o amor materno é inato à figura feminina é passado de geração em geração como verdade absoluta, estabelecendo regras no comportamento materno, fazendo as mulheres conviverem até os dias atuais com o temor de não serem capazes de exercerem seu novo papel, o de mãe (URPIA, 2009).

Ai eu fiquei me questionando em relação à identidade sabe, de: será que eu sou uma boa mãe? (Bruxa).

Eu me sinto, às vezes, uma “mãe ruim”, eu tenho uma sensação muito grande dentro de mim de que eu sou uma mãe ruim porque eu não tenho tempo pra lidar com a minha filha da maneira como eu gostaria, e o cansaço da universidade acaba deixando você sem paciência pra lidar com o seu filho. (Lívia)

É muito difícil ser estudante e mãe. Muito, muito difícil! Porque, sempre você vai sentir que tá devendo em algum lugar, você vai sentir que tá devendo no papel de mãe, quando você tá na universidade e quando você tá em casa você sente também que tá esquecendo outros pontos como, é..., outros pontos seus também, inclusive pro seu filho, porque eu acho assim que hoje eu enxergo a faculdade, hoje não eu sempre pensei de que se eu adquiri conhecimento eu vou poder ser uma mãe melhor [...]. (Emmily)

Ser mãe e estudante é mais difícil ainda, porque quando você é estudante não é um momento muito fácil na vida, porque é uma correria muito grande, né?! Então, acaba que o curso fica muito

¹⁹ Entenda-se a maternidade nesse contexto como estado, qualidade de ser mãe, laço que liga a mãe aos filhos desde a concepção (PICCININI, 2008).

mais cansativo e muito mais pesado. E quando você não tem a compreensão da coordenação, dos professores e das pessoas que estão lhe rodeando na universidade fica muito mais difícil. (Lívia)

[...] É... (risos) literalmente se virar nos trinta, porque você sempre tem que tá ali, tem que cumprir sua atividade como estudante e ao mesmo tempo dá a prioridade ao seu filho, porque cada fase é uma coisa diferente na vida do bebê”. O fato de você ter que assistir uma aula e também cuidar de uma criança. Tudo isso é desafiador. (Daniele)

As jovens se veem confrontadas com a idealização da mulher dona de casa e boa mãe (BUTLER, 2003), restringindo-as a trabalhos domésticos e cuidados parentais, o que causa esse sentimento desconforto em se desviar do que se considera, socialmente, “esperado” ou projetado para ela. Nesse sentido, é oportuno lembrar que:

Durante a maior parte da história brasileira existiu uma divisão sexual do trabalho que, de modo geral, impunha às mulheres as atividades domésticas e de reprodução (privadas), e aos homens as atividades extradomésticas e produtivas (públicas)” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 131).

Compreende-se que cada mulher vivencia a maternidade de maneira singular havendo uma grande variabilidade associada à cultura e ao período histórico em que é analisada (BADINTER, 2011).

As vezes eu acho que não estou sendo nem boa mãe nem boa estudante sabe, mas as vezes eu paro assim, respiro e faço “eu to dando o melhor de mim, no que eu to podendo fazer” sabe, o melhor de mim, mas as atividades da academia são pra além do tempo da academia, [...] aí eu vou fazer o que tenho que fazer sabe, porque é isso, o dia parece que tem menos horas, o corpo parece que pesa mais muitas vezes né, porque você tá executando múltiplas funções, você tá fazendo muito mais do que uma coisa ao mesmo tempo. (Bruxa.)

Na grande maioria das vezes eu me vejo louca achando que eu não vou conseguir, que não vai dar... que sabe!? Sinto muita vontade de desistir, muitas vezes porque eu realmente acho que eu sou incapaz, sabe?! É exaustivo, é extremamente desgastante, sabe?! Tem dias que você só quer chorar, você não quer se levantar da cama, que você... sabe?! ahr, todo dia isso... você já acorda com aquele peso, não aguento mais. Só quero que essa semana acabe, eu só quero que esse período acabe... porque você não consegue fazer todas as coisas. (Lívia)

Meu filho é autista, meu filho precisa de tratamentos, e aí tem uma cobrança maior “mas como assim tu é da Terapia Ocupacional e tu não sabe lidar com teu filho autista?” como se eu tivesse que ter a

dominância de todas as áreas existentes da Terapia Ocupacional e ter tolerância e equilíbrio emocional suficiente para lidar com tudo que acontece assim, com as minhas próprias descobertas, quando você é mãe aos 17 anos você não completou alguns ciclos e experiências que uma pessoa adulta precisa para vivenciar o mundo e ainda assim tá ai no “rolê”, e ai é me descobrindo, educando uma criança, estudando e cuidando de uma infinitas outras demandas que aparecem. (Bruxa)

Conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica em uma sociedade onde a responsabilidade sobre os filhos costuma recair sobre as mulheres é um desafio que transcende as questões acadêmicas. Existe uma cobrança da própria universidade por bons rendimentos acadêmicos e existe um peso do que é ser mãe, ancorado nas projeções e expectativas que a nossa sociedade lança sobre a maternidade (URPIA, 2009). Nas narrativas, estas mulheres trazem o sentimento de impotência frente às limitações que as suas condições as empõem, de dificuldades de se veem como boas mães e estudantes, preocupação de estarem exercendo ambos papéis e por vezes sobrepor um ao outro.

O que se espera de uma mãe-universitária? Que ela sobreponha a maternidade à vida acadêmica, ou o contrário? A maternidade e paternidade constituem 1 a cada 10 estudantes universitários no Brasil, segundo pesquisa²⁰ realizada pela ANDIFES²¹ em 2018. O direito à educação é um direito social fundamental, que deve ser garantido a todos e todas, abrange não somente o acesso, mas também a permanência do educando nas instituições de ensino, conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1988), no seu art. 206, o qual afirma que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

As vezes você não se sente bem-vinda, não se sente, não sente que a universidade é o lugar pra você mãe. Porque você não consegue conciliar as questões de filho e universidade. (Lívia)

[...] eu já vi muitas discussões assim né?! de que não era possível fazer as duas coisas, de que alguma você ia ficar devendo, mas, eu acho assim..., que sempre você vai dever em algum aspecto da sua vida, você nunca vai ser 100%, uma estudante 100%, mesmo que você seja uma mulher que não tenha filhos, vai ter outras coisas que vão te impossibilitar de ser uma estudante 100%. Já na maternidade a mesma coisa, mesmo que você não faça, não tenha nenhuma outra função fora a maternidade, você ainda assim não vai ser uma excelente mãe, muitas vezes inclusive por não ter nenhuma outra função fora, aquilo te sobrecarrega. (Emmily)

Pelo fato de a sociedade acreditar nas ideias que foram culturalmente atribuídas as

²⁰ Disponível em < <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf>>.

²¹ Associação Nacional Dirigência Instituto Federal do Ensino Superior.

mulheres em relação à maternidade ao longo da história, muitas delas, quando se distanciam dessas projeções, são acusadas frequentemente de anormais, gerando sentimento de culpa e intimidações (BADINTER, 2011).

Sempre vão falar mal de uma mulher que é mãe. Sempre. Sempre vão estar taxando, ou de que ela não cuida do filho, porque quer estudar e pensa nela, ou de que ela largou os estudos, e não quer ser ninguém, porque vai ficar com o filho... Sempre vão falar. A decisão que você tomar, não vai ser bem aceita pelas pessoas. (Emmily)

Mesmo assim, as mães universitárias vão construindo sentido para suas experiências, ressignificando e criando caminhos possíveis para enfrentar os desafios que se apresentam cotidianamente.

Aparentemente eu tive mais forças pra estudar [...] mesmo eu estando cansada, mesmo eu estando com preguiça, mesmo eu estando com qualquer outro motivo... eu não falto por mim, porque eu sempre penso nessa possibilidade de que “se Arthur ficar doente, eu não vou”, então eu guardo o direito de faltar, numa aula, num estágio, alguma coisa assim, hoje pra Arthur. Então como estudante eu me senti melhor, mais fortalecida, mais alerta. (Emmily)

[...] eu enxergo também a academia hoje e meu processo enquanto estudante como enriquecedor até na minha maternidade, não só isso né?! Como eu faço uma faculdade da área de desenvolvimento humano, que a gente estuda sobre isso, eu me pego né?! Fazendo muitas coisas na criação de Arthur que eu, que foi, que eu aprendi na faculdade. (Emmily).

[...] antes era o sonho de uma graduação, de ser diplomada, tinham muito mais coisas que eu só pude ver dentro da graduação mesmo sabe, dentro do curso mesmo, que eu não tava aqui somente pelo diploma, eu estava aqui em busca de algo que me desse base para eu criar minha família (Bruxa).

Eu cheguei até aqui e eu não vou desistir agora, sabe eu já passei por tanta coisa e eu preciso me formar, existe uma questão financeira? Existe, porque a minha filha precisa comer, eu preciso comer, então assim, é...[...] eu tenho, um objetivo de me formar, eu gosto do curso, eu quero trabalhar na área quando eu terminar sabe?! [...] a gente precisa de um futuro, sabe?! É o que me motiva é o futuro, e também porque eu vim morar aqui em João Pessoa com esse objetivo de me formar. Então eu não vou embora daqui sem isso, eu não vou sair daqui de João Pessoa sem me formar, porque eu vim aqui para isso.

O relato das participantes nos adverte que, para além da discussão importante no que se refere à experiência da maternidade entre universitárias, há uma discussão maior que se

refere tanto às barreiras simbólicas que dificultam o acesso continuado dessas jovens aostudados universitários, com às barreiras burocráticas, que acabam por negar-lhes algo que deveria ser um direito (URPIA, 2009).

Eu acho que a maioria das mães não vão se formar em 4 anos, porque em algum momento vão precisar trancar, em algum momento não vão ter a oportunidade de ir para a aquela universidade ou para aquela disciplina, pra aquela aula. (Lívia)

[...] O desafio é a temporalidade, e em si o psicológico. De por exemplo o meu filho requer, requer um tempo diferenciado, pela questão do autismo, e ai como é que eu divido essa temporalidade? pras atividades acadêmicas e pra ele, que praticamente não divide né?! Executar as atividades, conciliar o tempo, muitas vezes as vezes tenho que sair antes da aula, tinha que sair antes da aula pra pegar ela, algumas vezes ele apresentava um processo de doença e ai mesmo assim eu tinha uma atividade que eu não podia deixar de faltar na universidade e tinha que ir da mesma maneira, ai, dentro do processo de exaustão, mas, ainda assim fazer porque tem aquele processo de objetivo. (Bruza)

Nos depoimentos a seguir nota-se que as participantes enfrentam um problema pelo quais muitas outras mães estudantes passam. Elas afirmaram que enfrentam discriminação na carreira acadêmica, em dados momentos, não só por parte dos seus colegas, mas, experiências isoladas de duas das entrevistadas demonstram esse ato de desencorajamento, descrença na possibilidade de conciliação de ambos papeis, por parte da coordenadora do curso, ao desestimula-las a dar continuidade ao curso.

Teve um momento em que a coordenadora do curso... ela assim, meio que falou pra mim que eu não ia conseguir retornar a universidade depois que a minha filha... falou que era melhor trancar o curso. falou assim:"ah, as outras alunas que tiveram filhos não nenhuma delas conseguiu voltar ainda. Acho melhor você trancar." Ai... sabe?! Eu não vou levantar muito, eu não me importo muito com essas coisas que as pessoas dizem não, sabe?! Mas teve momentos ai de pessoas que não foram muito tipo; consideraram que era uma atividade meio: "não, não vai acontecer, não vai conseguir, não dá pra trazer seu filho pra universidade, não cabe o seu filho aqui, não cabe uma mãe aqui", sabe?! (Lívia)

E ainda, por uma responsabilidade além do que diz respeito à vida acadêmica, se sentem prejudicadas diante dos demais alunos que, frequentemente, tem a universidade como principal ocupação.

Eu sempre trabalhei e gostei de trabalhar em grupo, depois da maternidade ficou muito mais tenso porque eu percebo assim, que quando diz assim...É... “trabalho em grupo, formem grupos” e o professor né?! Deixa a gente a vontade, ixe, pra mim é a prioridade hora, porque é a hora que eu sei que ninguém vai me querer sabe?! E mesmo assim que eu vá, eu sei que aonde eu vou as pessoas não vão felizes e depois eu até vejo a surpresa que a pessoa lê como se eu fosse ser irresponsável, porque “não é a que tem filho, é a que não vai ter tempo” [...] porque eu sou mãe, e é bem preconceituoso você analisar por esse lado. (Emmily)

[...] meu tempo não é igual ao tempo de outras pessoas, e se eu quiser fazer as duas coisas bem feitas eu vou ter que respeitar a força que eu tenho para dedicar a essas duas coisas, que é tá na academia e ser mãe. Porque é isso, eu me cobro um tanto, mas, eu me cobro com razão e porque eu quero dá o meu melhor, eu quero ser a melhor mãe que meu filho pode ter, e eu quero ser a melhor aluna, a melhor aluna não, a melhor profissional, porque eu já não to em processo de aula né?! (Bruxa)

Numa sociedade de valores patriarcais, estruturada em torno de um processo histórico de dominação masculina e subordinação feminina, a universidade expressa, ao longo de sua história, um movimento inequívoco de discriminação de gênero. Se inicialmente, a discriminação de gênero se dava por meio do difícil ingresso das mulheres ao ambiente acadêmico, marcadamente masculino durante séculos, hoje, essa discriminação segue outras direções, tais como as citadas pelas participantes (YANNOULAS, 2007). Quando uma mulher se presta a ser mãe e estudar ela vai se organizar dentro das possibilidades dela para exercer ambos papéis. Por diversas vezes a sociedade em geral subestima a capacidade das mulheres de exercerem diversificados papéis. As mães entrevistadas têm todas essas sensações, mas responderam também que o que as motiva passar por tudo isso é ter a perspectiva da conclusão do ensino superior.

Hoje, me motiva a satisfação pessoal [...] eu enxergo também a academia hoje e meu processo enquanto estudante como enriquecedor até na minha maternidade, não só isso né?! Como eu faco uma faculdade da área de desenvolvimento humano, que a gente estuda sobre isso, eu me pego né?! Fazendo muitas coisas na criação de Arthur que eu, que foi, que eu aprendi na faculdade. (Emmily)

É significativo também, essa consciência política e crítica que a gente aprende na universidade e que leva, eu levo no processo de educação, minha educação e educação dele. Isso é bastante significativo, como por exemplo debates e aprendizados que tem dentro da universidade e que reverberam no meu cotidiano, no cotidiano dele, é, isso é significativo. (Bruxa)

Eu vejo Terapia Ocupacional muito como um curso de empatia,

então eu fico feliz por conseguir conciliar isso tudo e receber toda essa recepção. (Daniele)

A conciliação vida acadêmica com a maternidade é percebida como possível e também como desejável, na maior parte das vezes, as soluções procuradas para tanto são individuais. Há um provérbio africano que diz que “é preciso uma aldeia para criar uma criança”. Isso significa que não cabe apenas à figura materna a tarefa de criar os filhos e é aí que a rede de apoio se torna essencial, o discutiremos a seguir.

4.2.3. “SE NÃO FOSSE A MINHA REDE DE APOIO EU NÃO ESTARIA CONSEGUINDO” – Possibilidades de permanência universitária.

Nessa categoria apresentamos as estratégias que as mães estudantes têm adotado para suprir as carências de assistência universitária e garantir a permanência das mesmas na continuidade de suas graduações. Não é suficiente incorporar as mulheres em universidades sem que haja grandes mudanças culturais profundas no contexto acadêmico e na sociedade como um todo, pois sem essas mudanças as mulheres permanecem em situações desvantajosas (AQUINO, 2006). Apenas abrir as portas da educação superior para as mulheres, sem a preocupação sobre as condições de permanência, não é o bastante para assegurar igualdade de oportunidades para a carreira daquelas mulheres que se tornam mães.

As tarefas relacionadas à posição de estudante universitária participam do cotidiano dessas mulheres e se cruzam com as demandas de suas crianças, dialogando não sem conflitos com a posição de mãe. Entretanto, o contrário não pode acontecer, pois não cabem na universidade, espaço de produção de conhecimento, referências aos problemas maternos. Decorrem, então, desse difícil processo, os muitos desafios que elas enfrentam quando tentam conciliar universidade e maternidade.

Eu me sinto feliz, primeiramente feliz sabe?!, porque não é todas as mulheres que tem filho que tem a condição de tá aqui sabe?!primeiro eu me sinto feliz por tá conseguindo, e ao mesmo tempo o mesmo motivo que me deixa feliz, me deixa triste. Por muitas mulheres que eu vejo potencial assim enooorme, enorme, enorme, enorme, não ter a condição, porque não tem apoio nenhum, nem familiar, nem do Estado, nem de nada pra tá aqui dentro. (Bruxa)

Os sonhos ligados à formação superior estão cruzados com o cotidiano da vida familiar, que exige inúmeras responsabilidades das mulheres, não importando, muitas vezes,

que tarefas ela tem fora do ambiente doméstico (Butler, 2003). Assim, nessa dimensão, notamos que a permanência dessas mulheres no curso se deu pelo incentivo à continuidade dos estudos acadêmicos, por parte de seus familiares, professores e amigos.

Ainda bem que eu tenho uma rede, ainda bem que eu tenho outras pessoas pra, inclusive, conseguir fugir desse meu papel da maternidade, mas, eu tenho a plena consciência que se não fosse a minha rede de apoio eu não estaria conseguindo. Eu moro longe da faculdade, eu não tenho renda né?! É muito difícil, mas, depois que você passa por aquilo vem uma sensação boa, vem uma recompensa e você se sente bem por ter conseguido cumprir, me faz me sentir assim... uma mulher super poderosa, mas, quando você não cumpri, você se sente um lixo. A compreensão dos professores é um fator que colabora, sim, é, acho que o principal é esse, é o meu apoio familiar pra que eu consiga permanecer estudando, se não fosse isso dificilmente eu estaria conseguindo estudar. (Emmily)

Eu tive apoio de algumas professoras, de professoras que disseram assim “é uma boa profissional, investe que dá certo”. Essa questão do que eu disse eu quero ter uma vida melhor, dar uma vida melhor pra minha mãe e pro meu filho. Minha espiritualidade, é... é o que me firma, é a fé nos orixás, é a fé, a fé. O sagrado que não tem explicação, que me mantém forte, eu peço essa força a essa espiritualidade. (Bruxa)

Então, as vezes, eu canso por não ter ajuda de outras pessoas, principalmente de família, porque eu acho assim... Os amigos lhe ajudam, mas não é obrigação deles, ter principalmente uma mãe é muito mais confortante, né?! Uma professora em específico que sempre deu muito, muito apoio pra mim sabe?! Que eu até... assim, considero como alguém que me deu uma força muito grande para continuar no curso. Ela sempre fez muita questão de mandar mensagem no privado pra mim sabe?! “Lívia vem pra aula, trás Aninha, não tem problema” tipo: “vou te deixar em casa” sabe?! E você vê que são pessoas que estão de fato preocupadas com você que querem que você continue, querem que você consiga terminar, e eu também vejo isso por parte dos alunos, pra aluno eu vejo que tem algumas coisas que são ais difíceis, porque tipo, a gente não tem dinheiro, não tem carro, não tem né?! Mas assim... de também serem solícitos e disponíveis sabe?! (Lívia)

O pessoal da minha turma, todos me ajudaram, me deram uma rede de apoio, força, espere seu tempo, se for necessário você parar, para. Outros me ajudaram me encaminhando para um médico, fazer uma avaliação médica para saber como é que estar. Mas assim, a amizade da turma e, é, acreditar em mim. (Alice)

É, a minha família e, principalmente, me aplaudem muito por isso, por eu conseguir dá contar desses dois ao mesmo tempo e sempre me incentivam muito a permanecer. O pai de Abraão também, ele sempre diz não desista do seu curso e também cuide do seu filho. (Daniele)

É interessante notar, na experiência das participantes que a família constitui-se suporte fundamental para vivência desta experiência, quando esta se constitui como uma rede de suporte consolidada. Vale salientar que, na ausência da família, como é caso da Lívia, as professoras e os/as amigos(as) que exercem com mais evidência esse papel de apoio. Estas pessoas tecem com as jovens mães os primeiros fioconstruindo redes de significados (ROSSETI-FERREIRA, AMORIM, & SILVA, 2004), partilhados e conflitantes, ancoradas em experiências que transitam da cumplicidade aos conflitos e tensões. Urpia e Sampaio (2009; 2008) no mesmo sentido afirmam que a família, as redes de amigos e a assistência estudantil são fatores importantes que viabilizam a permanência universitária das mães.

Quando era nas salas de aula eu tive na época professores assim... mais receptivos nesse sentido, eu sempre trouxe ela para aula e não tive problemas com os professores. E os meus colegas me ajudavam na época, quando ela ficava com outras pessoas, tive ajuda dos colegas. O curso de Terapia Ocupacional em sim, eu vejo que nós temos uma coordenação e professores que são, em sua maioria, receptivos e abertos nesse sentido e que tentam proporcionar o que eles podem fazer pra facilitar o processo. (Lívia)

Algumas vezes eu pude presenciar algumas pessoas que também se colocaram de maneiras muito, algumas muito prejudiciais e nocivas na hora de tipo: “sim é mãe, ma, tem gente que dá conta de ser mãe e fazer”, mas outras pessoas que compreendeu totalmente o meu lado e se colocavam nessa posição de “ei, você não precisa pegar a carga toda pra você, você te outras demandas etc..” e visualizavam meu ponto e me davam ponto de apoio, e de, tipo assim, algumas pessoas eu ir, eu tinha que fazer alguma coisa na universidade, tinha que levar ele e algumas amigas minhas ficavam com ele brincando enquanto eu tinha que fazer alguma coisa que não podia tá com ele. É isso. (Bruca)

A compreensão dos professores é um fator que colabora, sim, é, acho que o principal é esse, é o meu apoio familiar pra que eu consiga permanecer estudando, se não fosse isso dificilmente eu estaria conseguindo estudar. (Emmily)

A percepção do apoio dessas redes também é fundamental para a adequação do papel materno em relação ao filho (Dessen & Braz, 2000), as redes de apoio se tornam fundamentais, já que as famílias de origem ficam distantes ou estão ainda inseridas no mercado de trabalho. Entendendo que rede de apoio é diferente de ajuda: ela é formada por vínculos e está “ali” sempre que a mãe precisar e acima de tudo, a rede de apoio é essencial em todas as fases. Independente da fase, a mãe precisa ter por perto pessoas que a deixem mais segura, que não julguem suas decisões e que a ajudem a viver uma maternidade mais

feliz e tranquila. Desse modo, as redes de apoio são uma das possíveis maneiras de conciliar as demandas do ser mãe com a vida acadêmica da mulher, uma vez que, a universidade, segundo as mães estudantes, se posiciona de forma apática frente as suas necessidades e especificidades.

Minha percepção é essa, de que pra eles eu não existo enquanto mãe, eu só existo enquanto discente. É lógico que deveria existir, esse é o acesso cidadão a todos e todas né?! A todas e todos, principalmente, porque se a gente tem a maioria da população é mulher e se a gente quer dá acesso à educação e, porque é o seguinte, a minha perspectiva é que um país desenvolvido é aquele país que consegue desenvolver a educação e a capacitação do cidadãos de maneira plena sim. (Bruxa)

Eu acho que assim... eu acho que a universidade ela... ainda se coloca muito a quem das mães da universidade sabe?! Já percebo que existe uma notoriedade maior para os alunos, já existe para os alunos que tem dificuldades físicas sabe?! Principalmente para as dificuldades físicas, tá se ampliando o olhar nesse sentido, mas, para as mães ainda não é muito visto como uma necessidade especial né?! Porque assim... é uma outra pessoinha na sua vida né?! A universidade precisa garantir a permanência de todos os seus alunos de uma forma geral isso inclui as mães que não são vistas. (Lívia)

As jovens mães que vivenciam tais desafios precisam ser consideradas pela universidade, prevendo políticas de assistência as estudantes em suas diferentes situações, como por exemplo, a creche universitária (URPIA, 2009). Para elas o sentimento é de invisibilidade, dada a inexistência de políticas de assistência estudantil voltada as suas necessidades específicas. “Minha percepção é de que pra eles eu não existo enquanto mãe, eu só existo enquanto discente” (Bruxa).

As estudantes entrevistadas reconhecem que a universidade não é o melhor ambiente para uma criança, porém, algumas não têm outra alternativa e relatam a necessidade de levar o filho, já que em alguns casos não tem com quem deixar, outras por serem mães solteiras ou pela necessidade de amamentar o bebê. Todas afirmaram que em algum momento precisaram levar seu/sua filho(a) para a sala de aula. Algumas estudantes contam com o apoio da família para cuidar da criança enquanto está na universidade, outras não recebem esse apoio familiar e pela falta da condição financeira e a ausência de uma creche no campus não veem alternativa a não ser levar seu/sua filho(a) para a aluna “Se eu tivesse, as mães tivesse oportunidade de que os ambientes fossem adequados para estarem com seus filhos lá, talvez isso facilitasse um pouco” (Lívia).

É importante problematizar este dado visto que o ambiente universitário em si, já é repleto de obstáculos para os próprios estudantes, pontuando a grande distância entre os prédios, a alimentação como um custo adicional quando se tem crianças como dependentes, além do pouco espaço de tempo entre aulas que podem tornar muito estressante essa vivência, tanto para a mãe quanto para a criança. A família, a creche e também a rede de sociabilidade são importantes recursos mobilizados pelas estudantes, mas não devem ser os únicos, pois além de mães, são também universitárias (URPIA, 2009).

Eu também sinto que eu pra sempre vou ter que lutar sabe?! Porque pra sempre vai ser trabalhoso, educar uma criança e conquistar determinadas coisas que outras pessoas conquistam com muito mais facilidade sabe?! Eu vou sempre ter, e né, isso não é empecilho não, mas, é que meu tempo não é igual ao tempo de outras pessoas, e se eu quiser fazer as duas coisas bem feitas eu vou ter que respeitar a força que eu tenho para dedicar a essas duas coisas, que é tá na academia e ser mãe (Bruxa).

Nas narrativas das participantes é possível perceber que a luta pelo direito de permanecer na universidade é apenas uma das questões enfrentadas nesse contexto, há um sentimento de insuficiência frente às responsabilidades.

O processo fica mais lento mais doloroso, é mais cansativo, tem hora que você pensa que não vai aguentar, mas eu sei que não é impossível, então eu sei que eu vou terminar [...] Eu tenho preferido prolongar um pouquinho o meu tempo aqui sabe?! Pra conseguir me dedicar melhor as coisas que eu tenho para fazer, então... pagar menos disciplinas, é uma maneira de é... conseguir lidar melhor com esse processo, só isso mesmo. (Lívia)

Eu faço o possível pra realmente adquirir todo aquele conhecimento, mas eu tento separar, otimizar meu tempo pra que der pra estudar, o meu tempo pra mim, sem ser mãe e o meu tempo pra meu filho. E eu tenho feito isso o máximo possível né?! (Alice)

Segundo Sampaio (2008), uma questão que as universidades precisam discutir, é procurar definir o alcance da assistência estudantil e inovar as políticas de ações afirmativas. A universidade tem que oferecer alternativas a elas como apoio, enquanto a creche não se torna realidade: repensar a grade curricular de forma a contemplar mais situações em que a mãe estudante tivesse flexibilidade no atendimento por parte dos professores; ampliar ou criar

novos projetos de extensão como o da Brinquedoteca do Centro de Educação (CE)²² que no último edital ofertou 30 vagas para crianças com idade entre 3 e 10 anos. Número insuficiente para atender a demanda da universidade, mas que tem suprido a carencia de muitas mães do centro a que pertence. Outra alternativa proposta por uma das mães foi a do CIA (Comite de Inclusão e Assesibilidade) oferecer essa cobertura às mães: “O CIA também não poderia cobrir essas mães com aluno apoiador, principalmente com aluno apoiador, acho que também seria uma boa, que o CIA pudesse cobrir as mães com aluno apoiador”. (Lívia)

Uma questão que inquieta os estudantes é o de a EEBAS-UFPB²³ (Escola De Educação Básica) não oferecer vagas para mães estudantes e mães servidoras. Devido a um processo histórico de construção da educação infantil nas universidades e no país culminou com a Resolução nº 1 de 2011, do Conselho Nacional de Educação de 2011. Uma das exigências dessa resolução é o acesso universal a essas unidades. Para atender essa demanda, o EEBAS-UFPB oferece vagas via edital de sorteio, realizado uma vez por ano, no início de cada ano letivo.

Contudo, a discussão sobre a condição da universitária mãe de modo algum deve resumir-se ao debate sobre a creche como um direito da mulher ou da criança. Não obstante a importância desse debate para o prosseguimento da vida acadêmica dessas jovens e para o bem-estar de seus filhos, que, de outra maneira, acabam ficando com um ou outro parente ou amigo.

²² Fonte: <<https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/brinquedoteca-da-ufpb-oferece-30-vagas>>.

²³ A EEBAS é uma escola pública, responsável pela Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais), cuja estrutura organizacional das turmas atende o disposto na LDB Nº 9394/96, a Lei 11.274/2006 do Ensino Fundamental de 9 anos e das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Fonte: <<http://www.ce.ufpb.br/ce/contents/destaques/a-escola-de-educacao-basica-do-centro-de-educacao-abre-processo-seletivo-para-o-ano-de-2020>>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa foi, sem dúvidas, uma experiência desafiadora, uma vez que também sou uma mãe estudante em processo de conclusão do curso de graduação. Precisamos conciliar o pouco tempo que dispunha com a disponibilidade das estudantes, que possuem várias responsabilidades dentro e fora da universidade. Com essa pesquisa constatamos que as dificuldades são reais, que as mães universitárias não tem as mesmas possibilidades, ou oportunidades, que os demais estudantes que não possuem filhos e que mesmo com tais dificuldades elas encontram estratégias para continuar firmes em suas formações acadêmicas. A motivação para tanto tem origem distintas, não se encontra apenas no desejo de realização pessoal, mas também melhorar as condições de vida tanto dela quanto de seu filho(a) e familiares. A vontade de oferecer um futuro melhor para seu filho(a), faz com que essas mulheres enfrentem diversos obstáculos todos os dias antes de sair de casa, e ainda precisam lidar, muitas vezes, com o preconceito e a falta de compreensão dos colegas e docentes.

Diante dos desafios, o apoio da rede social de suporte – família, amigos, docentes e religião, foram essenciais para a permanência dessas mulheres, e até mesmo para ser possível a conciliação da vida universitária e a maternidade. No entanto, ressalta-se que é necessária a criação de programas e/ou ações de incentivo e apoio à essas estudantes que muitas vezes foram constrangidas e também excluídas de atividades extracurriculares por não dispor de tempo ou apoio para os cuidados com seus filhos, tendo assim de deixar de realizar muitas atividade, podendo ter seu rendimento comprometido. Se não forem tomadas medidas institucionais para apoiar essas estudantes, a evasão desse público será cada vez maior.

As mulheres que optam por serem mães sofrem estigma social e sobrecarga. É preciso incentivar o empoderamento das mulheres frente à maternidade em conciliação com a vida acadêmica, bem como inserir práticas que facilitem este cotidiano dicotômico atual. Se as instituições adotarem espaços para as crianças, seria um incentivo para a educação, refletindo no aumento do número de mulheres no âmbito acadêmico.

Refletir e repensar sobre estas questões que envolvem o ser mãe e estudante, bem como as formas de enfrentamento dos desafios no contexto universitário, são importantes no processo de formação, principalmente na Terapia Ocupacional, quando se trabalha com o cotidiano e as atividades/ocupações do ser humano. Cabe assim, à sensibilização de docentes, dos cursos e das instituições de ensino superior, a fim de excitar os debates e a reflexão sobre

a temática, bem como a preocupação com as tentativas de facilitar esta experiência a partir de ações e políticas públicas e institucionais.

Os resultados obtidos trazem uma nova perspectiva sobre a vivência da maternidade no contexto acadêmico, pois contrapondo aos desafios e dificuldades enfrentadas, algumas mulheres são impulsionadas a buscar a formação acadêmica pela realização pessoal e pela possibilidade de ascensão social. Os depoimentos colhidos demonstram que a busca por estratégias para permanência universitária fazem-se necessárias, pois a universidade ainda se posiciona de forma apática frente às adversidades enfrentadas por esse público. Considera-se que a falta de assistência institucional, vinculada ao ideal de maternidade socialmente solidificado e uma rede de suporte social fragilizada dificulta a conciliação entre os papéis de mulher, mãe e estudante universitária.

As concepções a respeito da maternidade e da vida acadêmica fazem com que as mães criem estratégias nesses dois ambientes para conciliar os múltiplos papéis. A mulher vem ocupando espaços sociais, e a família vêm se reorganizando. Portanto, as estratégias, no momento em que a mulher tem que se deparar com esses dois espaços, devem ser compreendidas, levando-se em consideração, a realidade particular de cada família e de cada mãe. Nesse contexto, as redes de apoio são uma das formas encontradas pela família na busca de cuidado aos seus filhos, configurando-se muitas vezes como a sua única alternativa.

Endende-se que há necessidade de discutir acerca dessa realidade de ser mãe e estudante no contexto acadêmico, excitar os debates e a reflexão sobre a temática, bem como a preocupação com as tentativas de facilitar esta experiência a partir de ações e políticas públicas e institucionais. A maternidade lhe faz corajosa. Precisamos falar sobre as experiências reais, sobre poder ser incrível, mas sobre nunca ser fácil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, MIRIAM; CASTRO, MARY GARCÍA; WAISELFISZ, JÚLIO JACOBO. **Juventudes na escola, sentidos e buscas**: Por que frequentam. Brasília-DF: Flacso-Brasil, OEI, MEC, 2015.

AGUIAR, NEUMA. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e estado**, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000.

AQUINO, E. M. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: Encontro Nacional Pensando Gênero E Ciência Núcleos e Grupos de Pesquisa, 2005, 2006, Brasília. Anais eletrônicos... Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.

ARAGÃO, MILENA; KREUTZ, LÚCIO. Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações. **Conjectura**, Caxias do Sul, v.15, n.3, p. 106-120, dez. 2010.

ARCE, ALESSANDRA. A imagem da mulher nas idéias educacionais de Pestalozzi: o aprisionamento ao âmbito privado (doméstico) e à maternidade angelical. Caxambu: Anais ANPED..., 2002. Disponível em: < www. educacaoonline. pro. br > Acesso em 25 de julho de 2019.

ARNETT, J. J. EMERGING ADULTHOOD: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480, 1999.

ARNETT, J. J. Young people's conceptions of transition to adulthood. *Youth Society*, 29(3), 3-23, 1997.

ÁVILA, PALOMA SANTOS. **A construção da maternidade no Instagram**: uma análise dos perfis " Mãe de sete" e " A maternidade". 2018.

AZEVEDO, KÁTIA ROSA; ARRAIS, ALESSANDRA DA ROCHA. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. O conflito: a mulher e a mãe. Editora Record, 2011.

BARDIN, LAURENCE. Organização da análise. _____. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELTRÃO, KAIZÔ IWAKAMI; ALVES, JOSÉ EUSTÁQUIO DINIZ. A reversão do hiato de gênero na educação brasileiro século XX. Anais, p. 1-24, 2016.

BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 março de 2020.

BETIOL, MARIA IRENE STOCCO and TONELLI, MARIA JOSÉ. A mulher executiva e suas relações de trabalho. **Rev. adm. empres.** [online]. 1991, vol.31, n.4, p. 17-33. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0034-75901991000400003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 25 de julho de 2019.

BIROLI, FLÁVIA. Divisão sexual do trabalho e democracia. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, v. 59, n. 3, p. 719-754, 2016.

BRANDEN, P.S. *Enfermagem materno-infantil*. Rio de Janeiro, Reichmann & Affonso, ed. 2, 2000.

BRASIL (2008). *II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

BRASIL (2004). *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

BRASIL. IBGE. Séries estatísticas. Consulta on line, Disponível em: <<http://www.serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD164>>. Acesso em 15 de junho de 2019.

BRASIL. IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. PNAD. 2011 e 2012*. Disponível em: <http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2012/default_sintese.shtm>. Acesso em 15 de junho de 2019.

BRASIL. PORTAL. *Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação*, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-saomaioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>>. Acesso em 15 de julho de 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMACHO, K.G; VARGENS, O.M.C; PROGIANTI, J.M; SPÍNDOLA, T. Vivenciando repercussões e transformações de uma gestação: perspectivas de gestantes. **CIENCIA e ENFERMERIA**. ed 16, n. 2, p 115-125, 2010. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v16n2/art_12.pdf> Acesso em: 24 de fevereiro 2020.

CANAVARRO, M. C. *Gravidez e maternidade: Representações e tarefas de desenvolvimento*. 2001 apud CANAVARRO, M. C. *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto, ed.2, p.17-49, 2006.

CANGIANI, M. R.; MONTES, J. R. *Mulher, maternidade e trabalho acadêmico*. **Invest Educ**

Enferm, v. 28, n. 2, p. 176-186, 2010.

CAPPELLE, MÔNICA CARVALHO ALVES et al. A produção científica sobre gênero nas organizações: uma meta-análise. **REAd-Revista Eletrônica de Administração**, v. 13, n. 3, p. 502-528, 2007.

CARNEIRO, SUELI. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CHAUÍ, M. A Universidade Pública sob Nova Perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, 24, 5-15, 2003.

DA ROSA, JAQUELINE MACIEL TONIOLO et al. Vivências de mulheres que se tornam mães no contexto acadêmico. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 19, n. 2, p. 161-167, 2018.

DE ASSIS FONSECA, Marina Nogueira, et al. Ambivalências do ser mãe: um estudo de caso em psicologia hospitalar. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, p. 141-155, 2018.

DE SOUSA, ALINE MARIA SANTOS et al. Maternidade e educação—desafios e possibilidades de acesso e permanência na UFPI campus Ministro Reis Velloso, 2018.

DESSEN, M. A., & BRAZ, M. P. Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16 (3), p. 221-231, 2000.

ESTEVES, J. R., & MENANDRO, P. R. M. Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. **Estudos de Psicologia**, v.10,n.3, p.363-370, 2005.

GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D. & MAKUCH, M. Y.. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando famílias**, v. 18, n. 1, p. 55-62, 2014.
HIRATA, HELENA; KERGOAT, DANIELE. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

KIMURA, A. F. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. **Rev. Escola de Enfermagem USP**. São Paulo, v.31, n.2, p.339-43, 1997.

KIMURA, A. F. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. **Rev. Escola de Enfermagem USP**. São Paulo, v.31, n.2, p.339-43, 1997 apud RUBIN, R. Maternal identity and the maternal experience. New York, Springer, 1984.

KIMURA, A. F. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. **Rev. Escola de Enfermagem USP**. São Paulo, v.31, n.2, p.339-43, 1997 apud MERCER, R.T.Theoretical framework for studying the factors that impact on the maternal role. **Nurs.Research**, v.30, n.2 p.73-77, 1981.

LESSA, SERGIO. O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade. **CFESS/ABEPSS. Capacitação em Serviço Social e política social. Módulo**, v. 2, p. 19-33, 1999.

LIMA, LUNÉLIA. Como é ter um filho durante o período acadêmico? É possível continuar os estudos? Jornal laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, 7 nov. 2007. Disponível em:

<<http://universoufes.wordpress.com/2007/11/07/maes-universitarias/>>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MANSON, L. L.; GOLDEN, M. Do Babies Matter? The Effect of Family Formation on the Lifelong Careers of Academic Men and Woman. **Academe**, v. 88, n. 6, p. 21-27, 2002.

MARTINEZ, A. L., & BARBIERI, V. A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 175-185, 2011.

MATOS, MARIA IZILDA; BORELLI, ANDREA. Espaço feminino no mercado produtivo. Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: **Contexto**, p. 126-147, 2012.

MATOS, VANESSA CRISTINA SANTOS. Uma análise sobre participação política (ações afirmativas) e cidadania feminina. **Antíteses**, v. 9, p. 171-178, 2008.

MEIRELES, A; COSTA, M. E. A experiência da gravidez: o corpo grávido, a relação com a mãe, à percepção de mudança e a relação com o bebê. Lisboa. *Colibri*, v. 18, n.2, p. 75-98. 2005.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n° 21, jan./jun. 2009.

MOEHLECKE, SABRINA. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 197-217, 2002.

MOLINA, M. E. Transformaciones Histórico Culturales Del Concepto de Maternidad y sus Repercusiones em la Identidad de La Mujer. *Psykhé*,15(2), p. 93-103, 2006.

MONTALI, L. Provedoras e co-provedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefe de família sob a precarização do trabalho e o desemprego. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 223- 245, jul./dez. 2006.

MONTENEGRO, Ana. **Ser ou não ser feminista**. Fortaleza: Guararapes, 1981.

MOURA, SOLANGE MARI; SOBOTTKA, ROLIM DE; ARAÚJO, MARIA DE FÁTIMA. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004.

MORÉ, CARMEN LEONTINA OJEDA OCAMPO; CREPALDI, MARIA APARECIDA. O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 21, n. 43, p. 84-98, 2012.

NYE, ANDRÉA. Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1995 (Cap. 2, LIBERTE, Égalité et Fraternité: Liberalismo e Direitos das mulheres no século XIX).

PEDRO, JOANA MARIA (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 126-147.

PEREIRA, ACF; FAVERO, NALG. Historia da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. 2017.

PETINELLI, V; LINS, I. & FARIA, C. Conferências de Políticas Públicas: um Sistema Integrado de Participação e Deliberação? In: Congresso Latino Americano de Opinião Pública da WAPOR, 4, 2011. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, UFMG, 2011.

PICCININI, CESAR AUGUSTO, et al. Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em estudo*, p. 63-72, 2008.

PRATES, SOLANGE RIATO; GONÇALVES, JOSIANE PERES. Educação superior e relações de gênero: atividades domiciliares para mães estudantes de pedagogia. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 5, p. e019030-e019030, 2019.

RAPOPORT, A., & PICCININI, C. A. A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), p. 497-503, 2004.

RAPOPORT, A., & PICCININI, C.A. O apoio social e a experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 16 (2), p. 215-225, 2006.

REIS, STEFANI ANGELES SOUZA. Ser mãe na universidade: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrizas acerca das políticas de assistência social de uma IFES. 2017.

RIBEIRO, FLAVIA GRIPP. Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB. 2017.

ROSSER, MARIANA V.; ROSSER, J BARKLEY. Comparative Economics in a Transforming World Economy, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. DE S., & SILVA, A. P. S. Rede de Significações: alguns conceitos básicos. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. de S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho, Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2004.

SAFFIOTI, HELEIETH. **Emprego Doméstico e Capitalismo**, Editora Vozes, Petrópolis, 1978.

SAMPAIO, S. M. R. Observatório da Vida Estudantil: histórias de vida e formação na educação superior. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2008.

SANTANA, V.C.; BENEVENTO, C.T. El concepto de género y sus representaciones sociales. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 17, Nº 176, enero. 2013.

SARDENBERG, CECÍLIA M. B. E COSTA, ANA ALICE A. Feminismos, Feministas e Movimentos sociais. In: Margarida BRANDÃO e Maria Clara BINGHEMER (orgs.), *Mulher e Relações de Gênero*. São Paulo: Loyola, 1994.

SÉVON, E. Timing Motherhood: Experiencing and Narrating the Choice to Become a Mother. **Feminism & Psychology**, v.15, n. 4, p.461-482, 2005.

SILVA, OBDÁLIA SANTANA FERRAZ. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade?. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, p. 357-368, 2008.

SOARES, M. C. da S. et al. Expectativas e desafios de mulheres acadêmicas de enfermagem que engravidaram durante a graduação. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações**, v. 11, n. 1, p. 145-155, 2013.

SCAVONE, LUCILA. *Dar a vida e cuidar da vida* feminismo e ciências sociais. Unesp, 2004.

SCOTT, A.S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-42.

SCOTT, JOAN. **Gender and the Politics of History**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1988.

SCOTT, JOAN. O Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v.20, n.2, julho/dezembro 1995.

SOARES, M. C. da S. et al. Expectativas e desafios de mulheres acadêmicas de enfermagem que engravidaram durante a graduação. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações**, v. 11, n. 1, p. 145-155, 2013. Disponível em: . Acesso em: 23 maio 2016

SULPINO, C. S. *O arranjo familiar monoparental chefiado por mulheres: uma análise da realidade brasileira atual*. Brasília, 2016.

TABAK, F. **O laboratório de pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TEDESCO, J. Júlio de A.; ZUGAIB, Marcelo; QUAYLE, Julieta. *Obstetrícia psicossomática*.

São Paulo: Atheneu, 1997.

TEIXEIRA, D. Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres. São Paulo. **Rev. direito GV**, vol.6 no.1 Jan./June 2010.

THOMPSON, LINDA; WALKER, ALEXIS J. Gender in families: Women and men in marriage, work, and parenthood. **Journal of Marriage and the Family**, p. 845-871, 1989.

TORRES, A. A individualização no feminino, o casamento e o amor. V. Cichelli, C. E. Peixoto, & F. de Singly, *Família e Individualização* (pp. 135-155). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, Fernanda; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo psicanalítico*, v. 45, n. 1, p. 111-121, 2013.

TRIVIÑOS, AUGUSTO NS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 1995.

URPIA, A. M. de O. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante. 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.

VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, n. 10, 1998, p. 309-344.

WEBER, MAX; ECHAVARRIA, MEDINA; WINCKELMANN, JOHANNES. **Economía y sociedad**: esbozo de sociología comprensiva/Wirtschaft und gesellschaft. Fondo de Cultura Económica, 1964.

WOLF-WENDEL, L. E.; WARD, K. Academic life and motherhood: variations by Institutional Type. **Higher Education**, n. 52, p. 487-521, 2005.

YANNOULAS, S. Mulheres e Ciência. *Série Anis 47, Letras Livres*, pp. 1-10, 2007.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tema: Maternidade e vida universitária.

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre **“Os desafios e possibilidades de conciliar maternidade e vida acadêmica das mães estudantes do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba”** e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Lídia Laís Balbino Gomes, aluna do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora e pesquisadora responsável Dr^a Iara Falleiros Braga.

Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo analisar os desafios e as possibilidades de conciliar a maternidade com a vida acadêmica das mães estudantes do curso de Terapia Ocupacional do Campus I da Universidade Federal da Paraíba –UFPB, bem como conhecer suas trajetórias na intersecção das vivências da maternidade e demandas acadêmicas, e identificar os fatores que influenciam na permanência universitária destas mães. A finalidade deste trabalho é contribuir para que a instituição e os profissionais da educação compreendam os fatores que contribuem para que a vivência da maternidade no âmbito acadêmico se torne um momento com menos desafios e com mais suporte, traçando estratégia para inserção e garantia da permanência das mães estudantes, através do papel social da instituição.

Acredita-se, ainda, que o reconhecimento, o fortalecimento desses fatores e a construção de estratégias que contribuam para permanência acadêmica das mães estudantes trarão rebatimentos para a consolidação do curso de Terapia Ocupacional na UFPB e da profissão no estado da Paraíba.

Solicitamos a sua participação em uma entrevista semiestruturada, que abordará questões relacionadas à sua vivência enquanto mãe estudante no curso de Terapia Ocupacional da UFPB. Sua fala durante a entrevista será gravada em áudio, transcrita (copiada por escrito) para análise da pesquisadora e, em seguida, o material em áudio será guardado, até o período de descarte (cinco anos). Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e da educação e publicar em revistas científicas. O uso das informações estará submetido às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, ou seja, será garantido a privacidade e sigilo das

informações em todas as etapas da pesquisa.

Informamos que essa pesquisa oferece riscos mínimos a seus participantes de possível desconforto e/ou incômodo emocional devido o tema abordado, visto que o conteúdo das questões pode remeter a situações angustiantes e/ou dolorosas, uma vez que provocarão reflexões da sua própria trajetória, podendo também ocasionar constrangimento pela necessidade de ter sua fala registrada em áudio. Para minimizar este risco será escolhido um ambiente reservado, para preservar a privacidade da participante, e para que possa se sentir mais confortável durante a entrevista. Diante do desconforto ou alguma outra manifestação emocional, durante a entrevista, será oferecido ao participante apoio emocional pela pesquisadora, e se preciso, a participante será encaminhada para atendimento profissional.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela proponente do estudo. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, seu direito de desistir de participar a qualquer momento será respeitado e garantido. Evidenciamos também que a participação nesta pesquisa não envolverá gastos financeiros.

Quando terminarmos a pesquisa, o resultado final poderá ser divulgado em revistas e encontros científicos.

Pretende-se com os resultados obtidos, observar as condições atuais de acesso e permanência das mulheres estudantes nesta universidade e contribuir para que a instituição e os profissionais da educação compreendam os fatores que contribuem para que a vivência da maternidade no âmbito acadêmico se torne um momento com menos desafios e com mais suporte, traçando estratégia para inserção e garantia da permanência das mães estudantes, através do papel social da instituição.

Caso aceite participar, receberá uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as folhas rubricadas, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Nele consta o contato dos pesquisadores, que estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa, e do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Médicas (CCM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual a pesquisa foi submetida.

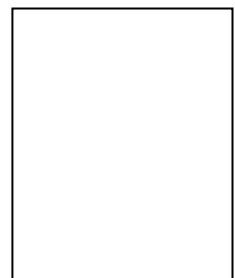
Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que

receberei uma cópia desse documento.

As pesquisadoras estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____,
portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o que poderei modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura da Participante da
Pesquisa ou Responsável Legal



Espaço para
impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora responsável Dr^a. Iara Falleiros Braga, professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da UFPB.

Contato das pesquisadoras e do Comitê de Ética:

Prof^a. Dr^a. Iara Falleiros Braga

E-mail: iarafalleiros@gmail.com

Endereço: Departamento de Terapia Ocupacional – Centro de Ciências da Saúde –

Universidade Federal da Paraíba – Campus I Cidade Universitária - CEP 58051-900
João Pessoa/PB Telefone: (83) 3216-7885.

Lídia Laís Balbino Gomes
Graduanda em Terapia Ocupacional
na UFPB E-mail:
lidia.balbino@hotmail.com
Telefone: (83) 98718-7699

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Médicas da
Universidade Federal da Paraíba – Campus I
E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br
Endereço: Jardim Universitário, S/N, Castelo
Branco. CEP 58051-900 – João Pessoa/PB
Telefone: (83) 3216-7619

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador
Responsável

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Pesquisa: MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica.

Nº Entrevista: _____

Data: ___/___/___ Início: ___ Término: ___

Roteiro Temático**Parte I – Dados de apresentação**

Idade:

Identidade étnico-racial:

Estado Civil:

Naturalidade:

Município em que reside:

Composição do Grupo Familiar:

Nº de filhos(a):

Idade do(s) filho(s):

Profissão/ocupação:

Renda familiar mensal aproximada:

de 0 a 2 salários mínimos

de 3 a 4 salários mínimos

de 4 a 5 salários mínimos

Mais de 5 salários mínimos

Parte II – A maternidade e as relações na universidade

- Em qual período do curso você se encontra?
- Como foi para você ingressar no curso de Terapia Ocupacional na UFPB?
- Quando ingressou no curso já era mãe? Se sim, conte como foi ingressar na universidade sendo mãe. Se não, como foi tornar-se mãe sendo estudante?

- Qual significado da maternidade para você?
- Qual a sua percepção sobre ser mãe e estudante?
- Qual a percepção da sua família e/ou do pai da criança sobre você ser mãe e estudante?
- Como é para você vivenciar a maternidade e cursar Terapia Ocupacional na UFPB?
- Como você se sente ao tentar conciliar vida universitária e a maternidade?
- Na sua percepção, como é a compreensão de seus professores/colegas sobre a maternidade?
- Você já vivenciou/vivencia algum tipo de discriminação por parte de funcionários, professores e/ou estudantes da Universidade Federal da Paraíba por ser mãe e estudante? (Comente)

Parte III – Políticas de assistência e a universidade

- Você acessa ou já acessou alguma política de assistência estudantil da UFPB? Se sim, qual (quais)?
- Você conhece e/ou já teve acesso a alguma política de assistência estudantil voltada para as estudantes mães da UFPB?
- Qual sua percepção sobre o papel da universidade, diante das demandas das estudantes mães, em garantir o acesso e a permanência?
- Na sua percepção, quais tipos de programas e/ou ações a Universidade Federal da Paraíba poderia desenvolver para possibilitar o acesso e permanência das alunas que são mães de crianças de até 12 anos?

Parte IV – Dificuldades e estratégias na permanência universitária

- Quais experiências que você vivenciou na condição de mãe estudante que destaca enquanto significativas e/ou desafiadoras?
- O que você identifica como desafio nessa conciliação?
- Quais são/foram as maiores dificuldades que você enfrenta/enfrentou em sua vida acadêmica por ser mãe e estudante?

- Em algum momento você já pensou ou trancou o curso/disciplina por causa da maternidade? (Se sim, conte como foi)
- Para poder estudar, com quem ou onde você deixa seu(s) filho(s)?
- Já teve que levar seu filho(a) para Universidade, por não ter nem onde, nem com quem deixar? Como foi?
- O que lhe motiva a permanecer na universidade?
- Quais têm sido as suas estratégias para superar os desafios da conciliação maternidade-vida acadêmica e permanecer na universidade?
- Você compartilha sua experiência enquanto mãe estudante em outros espaços da universidade e/ou com outras mães estudantes?
- Quais fatores você identifica como os que colaboraram/colaboram para a sua permanência na UFPB?